

Fernando do Valle Barbosa

Jornalismo livre pensante
A web e os novos paradigmas para o trabalho
jornalístico

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2007

Índice

Introdução	9
1 Imprensa independente nos anos de chumbo	17
1.1 Primórdios do exercício do jornalismo no Brasil .	17
1.2 A reação independente	23
2 Zapatismo e um tapa na cara da ‘grande mídia’	37
3 A reação antiglobalização	43
3.1 A mídia antiglobalização	49
4 Aspectos das corporações de mídia	55
5 Imprensa independente hoje	65
Conclusão	77
Bibliografia	79
Anexos	87
Entrevistas	87
Figuras	97

*Monografia apresentada para a conclusão do curso de
Especialização lato sensu em Jornalismo Multimídia, exigência
para a obtenção do grau de Especialista em Jornalismo
Multimídia.*

Orientador(a): Profa. Ms. Pollyana Ferrari

Agradecimentos

Agradeço,

A minha família. Em particular ao meu pai, Eliel, que, com seu jeito discreto sempre me indicou a cultura e a leitura como parte integrante do cotidiano. A minha mãe, Jânia, pela força e palavras fortes de incentivo.

Ao meu irmão, Flávio, por dividirmos os gostos musicais e literários. Melhoras, brother! A minha irmã, Cristina, pelo incentivo e sorriso aberto em todas as ocasiões.

A minha mulher e companheira, Tatiana, pela paciência e apoio nesses últimos meses em que escutou repetidas vezes em seus ouvidos o mantra: “preciso dar um gás na minha monografia”. Obrigado por sempre ficar ao meu lado.

A minha orientadora, Pollyana Ferrari, pelas sugestões bibliográficas, conversas, sugestões e exigências que me levaram a separar o melhor do meu tempo para esta monografia.

Ao meu companheiro de PUC, Cristiano Maitan, pelas trocas de idéias e bate-papos culturais sobre cinema e literatura.

E finalmente, a minha pequena e linda filha, Lorena, que me mostrou como agora é ainda mais importante perseguir os sonhos e buscar uma vida cada vez mais plena e realizada.

Resumo

Ao se estudar a influência da tecnologia na comunicação, pretende-se analisar o alargamento dos horizontes dos ambientes tradicionais para a prática jornalística. A presente monografia busca novos caminhos para o profissional de comunicação que deseja executar um trabalho autoral e criativo. O movimento antiglobalização e a cobertura de suas ações pela mídia independente também são estudados na monografia. Para esse e outros fins, foi pesquisada a mídia independente de outras épocas no Brasil e as comparações entre as experiências do passado e do presente à procura de respostas para o futuro do jornalismo independente.

Palavras-chave: imprensa independente; *webjornalismo*; mídia alternativa; comunicação; globalização.

Abstract

As the influence of technology is studied in communications, the goal is the investigation about the widening of the horizons in the traditional ambiances to the journalism practice. This present monograph searches new paths for the communications professionals who intends to do a criative and authorial work. The antiglobalization movement and covering of their actions for the independent midia also are studied in this monograph. For this and anothers purposes, will be analyzed another times independent midia in Brazil and the comparatives between the past and present experiences for research answers for the future of the independent journalism.

Key words: independent press; *webjournalism*; alternative midia; communications; globalization.

Introdução

“... esse tipo de trabalho humano – que é intelectual – é mundano, situado no mundo e sobre o mundo”

EDWARD SAI

Pretendemos traçar como o uso da *internet* e suas ferramentas tecnológicas podem ampliar os horizontes do jornalismo. A *internet* e, no sentido mais amplo, linguagens como *msn*¹, *orkut*², *blogs*³, fóruns de discussão⁴ e *wikis*⁵ participam ativamente do

¹ *MSN* ou *Microsoft Service Network* é uma coleção de serviços oferecidos pela **Microsoft** em suas estratégias envolvendo tecnologias de **Internet**. (WIKIPEDIA, 2007)

² *Orkut* é uma **rede social** filiada ao **Google**, criada em **19 de Janeiro de 2004**, com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, **Orkut Büyükkökten**, engenheiro **turco** do **Google**. (WIKIPEDIA, 2007)

³ Um *weblog* ou *blog* é uma página da **Web** cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente de forma inversa (como um histórico ou diário). Estes *posts* podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, referir-se ao mesmo assunto ou ter sido escritos pela mesma pessoa. A maioria dos blogs são *miscelâneas* em que os *blogueiros* escrevem com total liberdade. (WIKIPEDIA, 2007)

⁴ Fórum de discussão é uma ferramenta para páginas de **internet** destinada a promover **debates** através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão. (WIKIPEDIA, 2007)

⁵ Os termos *wiki* (pronunciado "wiquie" ou "uikie" no **alfabeto fonético internacional**) e *WikiWiki* são utilizados para identificar um tipo específico de coleção de documentos em **hipertexto** ou definir o *software* colaborativo usado para criá-lo. O termo "Wiki wiki" significa "super-rápido" no **idioma havaiano**. Já em **maori**, *Wiki* significa "fim-de-semana". É também a forma diminutiva

cotidiano do fazer jornalístico atual. Essa nova realidade fornece ao jornalista a possibilidade para que possa exercer seu trabalho independente das grandes corporações midiáticas.

O termo *web*, utilizado no título da monografia, refere-se ao avanço tecnológico que agilizou enormemente a comunicação e 'democratizou' o acesso a uma infinidade de dados por milhões de pessoas. As mudanças sociais e culturais advindas da introdução dessa tecnologia no cotidiano serão discutidas nesta monografia.

Ainda sobre o título, escolhemos o termo 'imprensa independente' em vez de 'imprensa alternativa' pois, "falar simplesmente em mídia *alternativa* é quase um paradoxismo. Qualquer coisa, em algum ponto, é alternativa a alguma outra". (DOWNING, 2004: 27)

Também procuramos traçar uma radiografia dos *sites* que apresentam uma confluência do fazer jornalístico com a independência do patronato tradicional da mídia.

A monografia descreve de forma resumida a história da imprensa independente em nosso país e de como essa trajetória se relaciona com algumas experiências atuais de *webjornalismo*⁶.

A perspectiva utilizada na execução da monografia permitirá um posicionamento crítico perante as novas tecnologias.

A monografia busca alternativas para o profissional exausto dos padrões das corporações de mídia. Em vários casos, jornalistas sentem-se tolhidos em seu cotidiano de trabalho por limitações, por exemplo, políticas e/ou de relacionamento social. Na indústria da mídia, sobra-se cada vez menos espaço para a criatividade e o trabalho autoral.

de Wikitoria, versão **Maori** do popular nome **crístão** Victoria. Chamado *wiki* por **consenso**, o *software* colaborativo permite a edição coletiva dos documentos usando um singelo sistema e sem que o conteúdo tenha que ser revisto antes da sua publicação. (WIKIPEDIA, 2007)

⁶ O *webjornalismo*, jornalismo *online*, ciberjornalismo, jornalismo eletrônico ou jornalismo digital é o jornalismo dos meios digitais como **CD-ROM** e **internet**. Tendo sido, inicialmente, apenas uma versão dos **jornais** impressos veiculada na internet, o *webjornalismo* acabou encontrando caminhos próprios. (WIKIPEDIA, 2007)

Sem saudosismo, pretendemos mostrar como em outros períodos do jornalismo brasileiro como, por exemplo, na década de 70, os exemplos de uma imprensa mais contestadora e intelectualizada proliferavam nas bancas ou eram banidos delas.

Entre eles, podemos destacar o carioca *O Pasquim* e a revista *Realidade*, produzida pela *Editores Abril*, hoje uma das editoras que impõem os padrões citados no antepenúltimo parágrafo, que tratam os meios de comunicação como apenas mais um elo dentro da correia do ‘mercado’.

Para exemplificar, podemos traçar um paralelo na abordagem do mesmo assunto, a televisão brasileira, por duas publicações da Editora Abril em períodos distintos: a revista *Realidade* e a revista *Veja*.

A revista *Realidade* (edição de outubro de 1970) questiona a influência da nascente televisão brasileira de forma bastante crítica.

“A expansão da televisão traz a possibilidade de se reunir a humanidade na chamada aldeia global de que nos fala McLuhan... Do conhecimento de fatos, sentimentos e ocorrências comuns podemos esperar a realização de antigos ideais, como a fraternidade e a união dos homens para tarefas comuns. Como perigo, da mesma forma que na tribo o fechamento de seu círculo impedia abertura ao mundo, surge a manipulação do pensamento, sua homogeneização, a imposição de fórmulas de interesse de quem dominar os satélites de transmissão”. (TÁVOLA, 1970: 12)



Figura 1 – Capa da revista Realidade

Já a revista *Veja* (edição de 1º de fevereiro de 2005) trata da alta audiência de um produto de mercado, a novela *Senhora do Destino* da *Rede Globo de Televisão*, como assunto de relevância nacional sem criticar o fato de 45 milhões de brasileiros pararem em frente de um ‘mesmo’ canal de televisão para acompanhar o ‘mesmo’ programa.



Figura 2 – Capa da revista *Veja*

Para a produção de produtos para consumo rápido como a revista *Veja*, os profissionais atuam em longas jornadas de trabalho, na maior parte das vezes, em defesa dos interesses dos donos de veículos de comunicação, que, com absoluta certeza, são bem distintos dos anseios do jornalista.

Sem discriminar o jornalista que se realiza plenamente com o seu trabalho na imprensa tradicional, a pesquisa pretende identificar os problemas enfrentados pelos 'jornalistas livre pensantes', chamados assim pelo pesquisador, ou seja, aqueles com formação intelectual e cultural em busca da afirmação de um discurso próprio fora dos esquemas da grande mídia.

Buscaremos apresentar como esses profissionais através do uso das novas tecnologias encontram meios de expressão inéditos. Um exemplo a ser estudado na monografia é o Indymedia⁷, site que conta com a colaboração de jornalistas e profissionais liberais na publicação de matérias e presente em mais de 35 países.

⁷<http://www.indymedia.org>

A relevância da pesquisa reside no fato de que o jornalista possa identificar a possibilidade de auto-gestão de sua produção além da 'venda' de sua força de trabalho nos tradicionais ambientes de trabalho (redações de veículos de comunicação conhecidos do grande público e assessorias de imprensa).

Isabel Siqueira Travancas analisa as condições de trabalho dos jornalistas em tese apresentada ao programa de pós-graduação de Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1991.

Travancas, que também exerce o jornalismo, acompanhou cerca de cinquenta 'colegas' dos mais variados veículos de comunicação da cidade do Rio de Janeiro em suas jornadas de trabalho.

"Se existe o perfil do jornalista 'típico', há também o sonho mais comum entre os profissionais. Todo jornalista parece sonhar em abrir um bar. Foram poucos os que não demonstraram vontade de realizar esse desejo. O bar, nas palavras de um repórter, é a segunda instituição jornalística. Depois do bar, o sonho é mesmo continuar jornalista, apenas mudando de 'posto'. Ser dono de um jornal, ter uma editora, uma rádio ou uma empresa de comunicação".
(TRAVANCAS: 88)

Acreditamos que a busca por uma maior independência é uma real necessidade para uma vasta gama de profissionais. Uma investigação sobre os motivos que levam a essa insatisfação acompanha toda a pesquisa.

Constatamos que, se o anseio por mais liberdade é uma constante entre os profissionais da área, devemos identificar os fatores geradores de tal sentimento e o que impedem muitos deles de crer em novos horizontes. Mas, principalmente, o que motiva alguns a confiar e investir em novos cenários para o jornalismo. Conversamos com alguns desses profissionais e seus relatos integram esta monografia.

A amplitude dos fatores que levam à falta de liberdade contém aspectos políticos, econômicos e sociais que, por vezes, deman-

dam um cabedal teórico, por hora, repleto de lacunas devido à atualidade dos fenômenos estudados.

Tentaremos olhar para o futuro sem nos esquecermos de experiências de sucesso do passado e com uma análise acurada do presente.

Capítulo 1

Imprensa independente nos anos de chumbo

"Não tenho procurado outra coisa senão ser livre. Livre das pressões terríveis da vida econômica, das pressões terríveis dos conflitos humanos, livre para o exercício total da vida física e mental. Livre das idéias feitas e mastigadas, tenho como Shaw [Bernard], uma insopitável desconfiança de qualquer idéia que já venha sendo proclamada por mais de dez anos..."

MILLÔR FERNANDES

1.1 Primórdios do exercício do jornalismo no Brasil

Como exemplo embrionário de jornalismo no país, podemos citar o pernambucano Frei Caneca, que, no início do século XIX, usava o poder da imprensa para conclamar seus conterrâneos contra o despotismo do poder central. Foi vítima da intolerância e condenado à morte pelo império como, quase um século e meio depois, vários colegas de ofício morreram nas mãos do regime militar.

O caso mais emblemático de jornalista que sofreu nas mãos do

regime militar foi o de Vladimir Herzog, brutalmente assassinado nos porões do DOI-CODI¹ no dia 25 de outubro de 1975.

Nos primórdios da imprensa no país, os jornais eram produzidos para uma pequena elite educada na Europa, principalmente na metrópole (Portugal) e na França.

Os meios de comunicação impressos eram utilizados por intelectuais para a divulgação de seus ideais. Como exemplo, podemos citar o jornalista e político Rui Barbosa que escrevia em alguns jornais da metade do século 19 pelo fim da escravidão.

“Para fazer um jornal, então, não eram necessários grandes investimentos nem muita especialização. O jornal aparece como um ‘partido’, como um núcleo de caráter intelectual em torno de algumas idéias ou reivindicações político-econômicas, e quase nada parecido com uma ‘empresa’”. (ABRAMO, 1997: 282)

A imprensa surge no Brasil como porta-voz de grupos da classe dominante em busca de poder econômico e político, sendo a maior parte dos jornais temporários e de caráter regional.

As relações umbilicais entre poder e imprensa podem ser demonstradas pelo jornalismo praticado pelos *Diários Associados*, do lendário Assis Chateaubriand. Em trecho de uma conversa entre o repórter Samuel Wainer, funcionário dos *Diários* e que, mais tarde, também seria proprietário de jornal, e seu patrão, podemos exemplificar o tipo de jornalismo praticado pelas empresas de *Chatô*.

¹ Sigla que designou o Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna, órgão repressivo do regime ditatorial brasileiro, que se inaugurou em 1964. Ancorado no espírito da Doutrina da Segurança Nacional, disseminada a partir da *National War College* norte-americana e, no Brasil, da Escola Superior de Guerra (ESG), o regime militar brasileiro constituiu uma série de órgãos voltados para dar combate ao assim chamado "inimigo interno". Disponível em <http://www.desaparecidospoliticos.org.br/links/doi-codi.html>. Acessado em 15/5/2007 às 1h33.

“– Seu Wainer, sua cobertura está favorável demais a Getúlio Vargas. O senhor tem certeza de que ele vai ganhar?”

– Não tenha dúvidas, doutor Assis. Pelos comícios que tenho acompanhado, tenho absoluta certeza de que ele vai governar o país de novo.

– Já que o senhor está tão entusiasmado, continue. Pode dar total cobertura a Vargas, que eu mando o Murilo Marroquim acender uma fogueira para queimá-lo. O senhor faz a campanha de Getúlio e eu mando o Marroquim sustentar a oposição a ele. Assim estaremos bem com qualquer lado que ganhar”. (MORAIS, 1994: 513)

Inclusive para obter mais tempo para estreitar suas relações com o poder local e nacional, os proprietários de jornais, parte da elite urbana que se consolidava no país, passam a necessitar de uma estrutura mais moderna dentro dos veículos de comunicação. Para abastecer essa estrutura, os patrões contratam os jornalistas como mão-de-obra intelectual.

“Com a chamada Revolução de 30 (...) o poder político passa a ser compartilhado pelos dois principais setores dominantes do poder econômico: de um lado o *setor agrário*, e, de outro, o *setor industrial emergente*, ambos com os seus respectivos setores financeiros, o primeiro mais ligado ao capital comercial e de exportação, e o segundo mais ao imobiliário e de obras públicas e urbanas

Nos grupos não-dominantes, também, começa a tomar forma uma diferenciação mais acentuada entre: a) as classes médias, constituídas de profissionais liberais, comerciantes e bancários, pequenos comerciantes, funcionários públicos, professores, artesãos qualificados, pessoal do setor terciário urbano em geral; e b) o proletariado incipiente (constituído de trabalhadores rurais assalariados e do operariado urbano)”. (ABRAMO, 1997: 282)

Sem dúvida, a década de 30 foi o palco de mudanças estruturais na sociedade brasileira. O declínio da elite agrária rural,

os senhores do café e seus casarões na avenida Paulista, e o surgimento da burguesia industrial e o crescimento do proletariado urbano inicia, de certa forma, um processo modernizante no país.

Nesse período, podemos identificar a transformação do ofício do jornalismo. Os meios impressos passam a contar com o profissional assalariado que fornece sua força de trabalho ao empresário de comunicação em substituição aos intelectuais que utilizavam os meios impressos para a divulgação de suas idéias. Esses últimos ainda freqüentam as redações dos jornais, mas não mais como a principal mão-de-obra desse novo setor empresarial.

“O que acontece com o jornalismo nesse novo quadro social?

Em primeiro lugar, os jornais começam, gradativamente, a transformar-se em empresas, submetidos às mesmas leis gerais de competição que regem as relações econômicas na sociedade capitalista moderna.

Em segundo lugar, dentro das empresas começa a haver uma separação mais nítida entre o *proprietário do jornal*, representante da classe burguesa, e o *jornalista*, profissional semiqualeficado, geralmente recrutado entre as camadas da classe média urbana”. (ABRAMO, 1997: 282 e 283)

Essa divisão apontada por Abramo leva a uma identificação mais nítida dos reais interesses da imprensa, que, em primeiro lugar, passa a defender os interesses dos proprietários dos jornais e, em última instância, os interesses políticos da burguesia da qual fazem parte.

Outro processo consolida-se nesse período no jornalismo brasileiro. Com exceção de Samuel Wainer, que era um repórter e montou o seu jornal, o *Última Hora*, a pedido do presidente Getúlio Vargas, em 1951, a grande maioria dos veículos de comunicação são controlados por famílias, formando uma verdadeira oligarquia no setor.

Os exemplos são muitos e conhecidos. Alguns deles: os Mesquita do *O Estado S. Paulo*, os Frias da *Folha de S. Paulo* e os Marinho da *Rede Globo de Comunicação*.

As oligarquias locais também utilizam os meios de comunicação para consolidar o seu domínio em diversas regiões do país. Podemos citar os Collor de Mello que comandam o grupo *Gazeta de Alagoas*, e a família Magalhães no *Correio da Bahia*.

“Eu sabia que fundar um jornal fora dos grupos oligárquicos que controlavam a imprensa significava desafiar um poder desumano, aético, monopolizador, absolutista. Fui a Getúlio para, mais uma vez, preveni-lo sobre os perigos que nos aguardavam. Ponderei ao presidente.... a reação dos senhores da imprensa seria imediata e brutal”. (WAINER, 1989: 133)

Dando pouca importância aos senhores da imprensa e suas conexões políticas com o poder, o jornalista e escritor Millôr Fernandes fundou apenas dois meses após o golpe militar de 1º abril de 1964 o *Pif Paf*.

Depois de perder o emprego na revista *O Cruzeiro* por pressões da Igreja Católica por produzir o trabalho satírico *A verdadeira história do Paraíso*, o humorista e jornalista Millôr conseguiu um empréstimo junto ao banqueiro José Luís de Magalhães Lins, do Banco Nacional, para fundar o *Pif Paf*.

“*Pif Paf* nasceu sem nenhum esquema profissional de produção. Os humoristas entregavam suas colaborações, mas não trabalhavam na revista. Millôr Fernandes, com a experiência de *O Cruzeiro*, produzia tudo. Uma precariedade que se tornaria marca registrada da imprensa alternativa”. (KUCINSKI, 1991: 18)

O pequeno jornal teve em sua breve história de quatro meses apenas oito edições, porém abriu as portas para a execução de publicações produzidas e administradas exclusivamente por jornalistas.

“O *Pif Paf* foi fechado por um conluio entre o governo federal e o governo estadual aqui [no antigo estado da Guanabara], que naquela época era o Carlos Lacerda... não tive forças para lutar, eles começaram a apreender um número, depois devolveram o número, depois o oitavo número eles apreenderam todo e eu não tinha mais dinheiro para fazer.” (FERNANDES In: COELHO, 2005: 30)

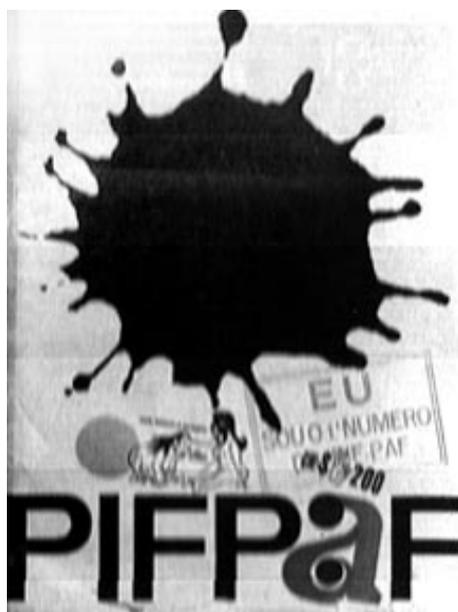


Figura 3 – Fac-símile da primeira capa do Pif Paf

Apesar da vendagem surpreendente, Millôr levou dois anos para pagar as dívidas contraídas com a ‘aventura’ do *Pif Paf*. Com isso, ele também renunciou os problemas de administração que os jornalistas e intelectuais enfrentariam devido à falta de habilidade administrativa para gerir os veículos de comunicação da imprensa alternativa.

Já na década de 70, *O Pasquim*², que chegou a vender 180 mil

² *O Pasquim* foi o mais influente jornal de oposição à **ditadura militar** no

exemplares³, passou por maus bocados devido à maneira equivocada pela qual foi administrado.

“Por duas vezes, os jornalistas d’*O Pasquim* obtiveram ganhos suficientes para transformá-lo num dos grandes grupos editoriais brasileiros.... essas duas oportunidades foram perdidas por inapetência empresarial, o mesmo fenômeno que atingiria, em intensidade variada, toda a imprensa alternativa dos anos 70.” (KUCINSKI, 1991: 167).

Os exemplos de boas idéias que se transformaram em jornais e revistas com boa circulação, principalmente nas décadas de 60 e 70, serão descritos na seqüência desta monografia.

1.2 A reação independente

Neste subcapítulo, traçaremos um breve panorama da imprensa independente das décadas de 1960, 1970 e 1980. Veículos como

Brasil. O projeto nasceu no final de **1968** após uma reunião entre o cartunista **Jaguar** e os jornalistas **Tarso de Castro** e **Sérgio Cabral**; o trio buscava uma opção para substituir o **tablóide** humorístico *A carapuça*, de **Sérgio Porto** (que acabara de falecer). O nome foi sugestão de Jaguar, inspirado na história de um monsenhor **italiano** chamado Pasquino, que segundo a lenda escrevia fofocas e notícias para serem lidas em praça pública. (WIKIPEDIA, 2007).

³ “Ao saírem da prisão de oito semanas, a tiragem havia caído de 180 mil exemplares para apenas 60 mil exemplares”. (KUCINSKI, 1991: 164)

O Pasquim, *Opinião*⁴, *Movimento*⁵ e *Realidade*⁶ abrigaram talentosos jornalistas no duro período da ditadura militar.

Enquanto no campo político, o Brasil enfrentava um dos períodos mais sombrios de sua História, na imprensa, muitos veículos de comunicação surgiam a cada dia para dar voz aos mais variados grupos políticos e culturais. “Entre 1964 e 1980, nasceram e morreram no Brasil cerca de 150 periódicos, que ficaram conhecidos como imprensa alternativa.” (COELHO, 2005: 8)

As inovações tecnológicas na área da impressão facilitaram o surgimento dessa grande quantidade de veículos de comunicação.

“Nos Estados Unidos, a disseminação do *off set* (impressão a frio) facilitou o surgimento da imprensa *underground* dos anos 50 e 60, permitindo pequenas tiragens a baixo custo, nas próprias gráficas dos grandes jornais, que passaram a oferecer o tempo ocioso de impressão para terceiros”. (BARROS, 2004)

O curioso desse mecanismo é que a independência de certos jornais alternativos dependia, de certo modo, da utilização dos parques gráficos dos jornalões, o que nunca impediu a adoção de um viés libertário pela maioria deles.

⁴ O semanário *Opinião* foi o mais influente jornal de toda a imprensa alternativa dos anos 70. Ele surgiu no apogeu do regime autoritário, em outubro de 1972, bancado por um empresário, produzido por jornalistas profissionais, protagonizado principalmente por intelectuais e secretamente instruído pelo comitê central da Ação Popular (AP). (KUCINSKI: 1991, 245)

⁵ O jornal *Movimento* teve seu primeiro exemplar lançado no dia 7 de julho de 1975. Ele reuniu diversos setores da intelectualidade brasileira, sendo um dos exemplos do que se chamava na época de **imprensa alternativa**, tendo como seu principal editor o jornalista **Raimundo Rodrigues Pereira**. Teve entre seus principais colaboradores o ex-presidente **Fernando Henrique Cardoso**, **Perseu Abramo** e **Chico Buarque de Holanda**, entre outros. (WIKIPEDIA, 2007)

⁶ Criada em 1966 pela Editora Abril, a Revista *Realidade* foi um marco no jornalismo brasileiro, por se tratar de uma forma ímpar de exercer o chamado Jornalismo Literário. (COMUNIDADE DA REALIDADE NO ORKUT, 2007)

A *Editora Abril*, uma das responsáveis pelo achatamento do nível cultural da imprensa atual, colaborou no alargamento do número de veículos de comunicação independentes na década de 70.

“Esse método foi implantado pela editora Abril, que oferecia um sistema nacional de distribuição, estimulando o surgimento de jornais alternativos portadores de projetos nacionais a partir da tiragem de 25 mil exemplares. O objetivo não era o de abrir concorrência, o de grandes vendas, e sim, o de reduzir seus próprios custos operacionais, apontando para a natureza política e não mercantil dos jornais alternativos”. (BARROS, 2004)

Se historicamente e politicamente, o golpe militar de 1964 deixou marcas indeléveis no país, na cultura e na imprensa, aconteceram nesses 21 anos de regime militar manifestações culturais e artísticas que podem ser classificadas, como afirmava o escritor Oswald de Andrade, de *biscoito fino*.

O golpe de 31 de março foi, sem dúvida, uma reação a uma certa e propalada esquerdização do governo Jango no conturbado período da guerra fria, que tentou mobilizar as massas trabalhadoras em torno das reformas de base, que alterariam as relações econômicas e sociais no país.

Durante a ditadura militar, dezenas de organizações de esquerda surgiram para enfrentar os desmandos do governo central.

A seguir, citamos rapidamente algumas delas. Na Ação Libertadora Nacional (ALN), o grupo mais militarizado da época, os personagens mais importantes foram Carlos Marighela e Joaquim Câmara Ferreira. Já na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), o principal expoente foi o ex-capitão do exército Carlos Lamarca.

O Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) teve o seu nome retirado da data em que o guerrilheiro **Che Guevara** foi capturado na **Bolívia** em **1967** e funciona até hoje como uma facção política dentro do PMDB (Partido da Mobilização Democrática Brasileira).

Esse quadro de intensa oposição ao regime, sem dúvida, incentivou o surgimento de muitos jornais.

“Do ponto de vista histórico, a imprensa alternativa no Brasil surgiu com os movimentos de oposição criados pela esquerda e como proposta editorial alternativa aos veículos da grande imprensa, acusados de defenderem os propósitos da minoria burguesa em detrimento do interesse público.” (MARQUES, 2005: 1).

Inovações foram implantadas nesse período e influenciam até hoje o modo de se fazer jornalismo no Brasil. Nas faculdades de jornalismo, os estudantes ainda nutrem um profundo interesse pelas publicações do período.

Enquanto *O Pasquim* inovava ao adotar a oralidade e o coloquialismo em suas matérias, a revista *Realidade* praticava um jornalismo com forte influência literária.

“*O Pasquim* revolucionou a linguagem do jornalismo brasileiro, instituindo uma oralidade que ia além da mera transferência da linguagem coloquial para a escrita do jornal... Aparentemente, começou por acaso, quando Jaguar usou as propriedades de uma outra invenção de introdução relativamente recente no jornalismo brasileiro: o gravador”. (KUCINSKI, 1991: 156)

Entre as principais características do jornalismo independente do período, podemos citar o estreito compromisso com o leitor, a ausência ou escassez de anúncios publicitários (o veículo dependia quase exclusivamente das vendas avulsas e das assinaturas), a prática de um jornalismo mais opinativo e o uso constante de fotos e charges.

Um dos meios impressos mais impactantes do período foi a revista *Realidade*, fundada em 1966. Formada por jovens jornalistas e publicada por uma das editoras mais vanguardistas da época, a editora Abril, a *Realidade* apresentava como principais

novidades a prática de um jornalismo com forte influência literária e a escolha de pautas polêmicas como a Guerrilha do Araguaia e a atuação do movimento negro norte-americano.

Questionado pelo autor desta monografia se seria possível vermos atualmente uma revista nas bancas com a mesma qualidade de *Realidade*, o repórter Mylton Severiano, que participou da equipe da revista, responde:

“...o fenômeno *Realidade*” foi fruto de uma conjunção astral única. Irrepetível. O que se poderia ter hoje seria uma publicação com aquele *punch*. De verrumar a realidade, aprofundar assuntos, mexer em vespeiros, apontar tendências, contestar poderes. Sobretudo haver um *publisher* como foi Victor Civita, disposto a financiar repórteres, e mesmo duplas de repórteres – um da escrita, outro da fotografia –, a viajar semanas ou até mais de mês pelos brasis ou mundo afora, com diárias bem regadas, hotel decente etc. Há?” (SEVERIANO, 2007)

Com influência do *new journalism*⁷ praticado nos Estados Unidos por jornalistas-escritores como Truman Capote (autor do best-seller *A Sangue Frio*), Tom Wolfe (autor de obras como *A Fogueira das Vaidades* e *O Teste do Ácido do Refresco Elétrico*) e Gay Talese (autor dos livros *O Reino e o poder* e *Fama & Anonimato*), a *Realidade* formou toda uma geração de jornalistas.

“Sem dúvida, muitos de nós líamos os *new journalists* norte-americanos, Gay Talese, o próprio Norman Mailer... Todos os redatores e repórteres de *Realidade*, contudo, dado o autodidatismo e dada a vocação de berço para o

⁷ *New journalism* foi o nome dado ao estilo de jornalismo, nos anos 60 e 70, que usava técnicas literárias consideradas não-convencionais para a época. O termo foi tornado usual por Tom Wolfe, que em 1973, publicou uma coleção de artigos jornalísticos com o título de *O Novo jornalismo* e continha escritos dele próprio, de Truman Capote, Hunter Thompson, Norman Mailer, entre outros. (WIKIPEDIA, 2007)

jornalismo, procuraram caminhos próprios para a nova revista. Não havia explicitamente um “vamos copiar o *new journalism*”. Nem mesmo um “vamos nos inspirar no *new journalism*”. Fomos fazendo conforme nosso talento, de jornalistas “bons de texto e de caráter”, como exigia Paulo Patarra, o diretor de redação, daqueles que se candidavam a *Realidade*: ‘Na nossa equipe, só entra quem for bom de texto e bom caráter’”. (SEVERIANO, 2007)

O jornalista Mylton Severiano, que atualmente colabora com a revista *Caros Amigos*, prepara um livro que contará a história da *Realidade*, que será publicado ainda em 2007 pela *Editora Casa Amarela*.

Severiano está, no momento, realizando uma série de entrevistas com vários jornalistas que participaram da história da revista e revela uma de suas descobertas.

“Nossa maior influência vinha da nossa formação de berço. Venho entrevistando ex-participantes daquela redação e notei um ponto comum: dos 15 já ouvidos, mais da metade citou como primeiro ídolo, já na infância, Monteiro Lobato – sua obra para crianças”. (SEVERIANO, 2007)

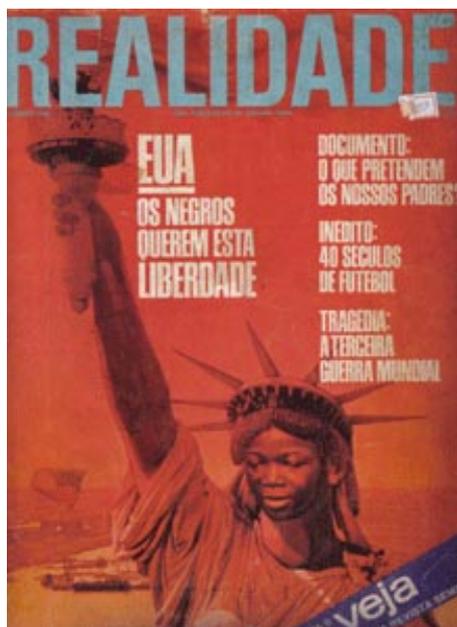


Figura 4 – Capa da revista Realidade, edição de setembro de 1968

Não podemos nos esquecer de que muitas das realizações desses jornalistas aconteceram no ápice da repressão do regime de exceção. O presidente Costa e Silva e seus generais praticamente legalizaram a censura em 13 de dezembro de 1968 com o decreto do Ato Institucional número 5 (AI-5)⁸.

“Art 5º - A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em:

I - cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;

II - suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;

III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;

⁸ Disponível em: <http://www.unificado.com.br/calendario/12/ai5.htm>. Acessado em 17 de maio de 2007 às 15h35.

IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

- a) liberdade vigiada;
- b) proibição de freqüentar determinados lugares;
- c) domicílio determinado,

§1º - o ato que decretar a suspensão dos direitos políticos poderá fixar restrições ou proibições relativamente ao exercício de quaisquer outros direitos públicos ou privados”. (SILVA, 1968)

A pujança da cultura como meio de resistência ao regime totalitário e a existência de uma plêiade de intelectuais, jornalistas e escritores que buscavam na imprensa o modo de expressarem seu talento e sua revolta ao obscurantismo do regime dos generais apontam para o terreno fértil que fez surgir diversas publicações independentes.

“A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos”. (KUCINSKI, 1991: XVI)

A contracultura⁹ também impulsionou a mídia independente e teve na coluna *Underground*, do jornalista e escritor Luiz Carlos Maciel, publicada em *O Pasquim*, uma de suas porta-vozes.

⁹ O movimento da contracultura teve origem no movimento da *Beat Generation* na década de 50. Apaixonados por jazz, os *beatniks* eram jovens intelectuais que rechaçavam o otimismo do pós-guerra norte-americano. Entre eles, destacavam-se o poeta *Allen Ginsberg* e os escritores *Jack Kerouac* e *William Burroughs*. Na década de 60, os hippies deram seqüência às atitudes marginais e *undergrounds* dos *beats* originais. O movimento contracultural dos anos 60 teve forte apelo libertário e revolucionou o comportamento social e os valores culturais da sociedade da época.

“Luiz Carlos Maciel encontrou de cara o seu nicho: a contracultura. Salvo engano, foi ele quem inventou (ou pelos menos popularizou) expressões condenadas à imortalidade como ‘barato’, ‘curtir’, ‘sarro’ (no sentido de gozação) que, ao lado de outras gírias – ressuscitadas (‘balaco’, balacobaco’), liberdade (‘bicha’) ou eufemísticas (‘duca’, ‘paca’, ‘mifu’, ‘sifu’, ‘nusfu’, – fizeram o jornal cair na boca do povo e nos verbetes do Aurélio”. (AUGUSTO, 2006: 10)



Figura 5 – Reprodução do primeiro número d’O Pasquim

O movimento *flower power*, que pregava a não-violência e tinha como uma de suas bandeiras a luta contra a Guerra do Vietnã, bem como a reivindicação dos negros por direitos civis chegavam aos ouvidos dos brasileiros pelos veículos da imprensa independente.

“Um dos trabalhos pioneiros de divulgação das idéias contraculturais foi a coluna Underground (1969-1972), de

Luiz Carlos Maciel, veiculada no semanário *Pasquim*, no Rio de Janeiro. Nesta coluna, Maciel apresentava textos, informações, sugestões e teorias estritamente vinculadas à utopia iniciada pela geração *beat*, continuada nos anos 60 com os festivais de rock, os hippies, os movimentos *underground*, assim como os seus símbolos e os reflexos ocorridos no Brasil. E, como no Brasil essas agitações nunca tiveram a extensão do que ocorreu, principalmente nos Estados Unidos, a maioria dos textos era a respeito do que acontecia no exterior.” (BARROS, 2004)

Muitos jornalistas e intelectuais de esquerda nutriam um certo desprezo pelas manifestações contraculturais. Para os membros do Partido Comunista Brasileiro, mais conhecido como Partidão, e do Centro Popular de Cultura da UNE (União Nacional dos Estudantes) e suas peças teatrais de forte cunho político como, por exemplo, *Eles não usam Black-tie* (1958), de Gianfrancesco Guarnieri, a contracultura não passava de um modismo importado e passageiro.

Para integrantes sectários dos movimentos de esquerda da época, verdadeiros *stanilistas* de plantão, era inconcebível a repartição entre cultura e política. Obrigatoriamente, a arte teria que possuir aspectos de engajamento político.

“(…) Dizem eles que não existe manifestação superestrutural autêntica desligada da infraestrutura que lhe é própria. Dentro dessa ótica a contracultura é uma importação inútil. A estreiteza, segundo penso, reside no desconhecimento deliberado das complexas interações que existem hoje entre as diversas culturas nacionais, graças à eficiência dos modernos meios de comunicação em massa. O complexo colonial responde pela assimilação passiva, acrítica, mas a influência estrangeira e os produtos culturais híbridos que ela gera, por piores que sejam, são inevitáveis. (...) acredito que, apesar de tudo, só as raízes nacionais podem propiciar energia e originalidade criadora a uma cultura. Absolutizar esse dado, porém, é dar uma de

avestruz e enfiar a cabeça na areia. A influência estrangeira deve ser assimilada de forma crítica e só a compreensão, não a ignorância, vaidosa, torna a crítica possível”. (MACIEL, 1973: 77 In: BARROS, 2004)

A contracultura no Brasil teve na cidade de São Paulo um de seus principais focos de atividade. O surgimento de poetas como Roberto Piva, Jorge Mautner e Cláudio Willer e cineastas como Carlos Reichenbach, Rogério Sganzerla e Ozualdo Candeias, que representavam o cinema da *Boca do Lixo*, faziam eco às idéias de Ginsberg e Kerouac.

Muitos dos jovens escritores da época eram publicados pelo editor Massao Ohno, que dedicou a sua vida a publicar livros de novos escritores.

A rebelião dos anos 60 e toda uma série de mudanças no plano da criação artística, do comportamento individual e da atuação política descendem de uma certa forma do movimento *beat*.

“Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus/

Arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de qualquer coisa/

Hipsters com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dínamo estrelado da maquinaria da noite/

Que pobres, esfarrapados e olheiras fundas, viajaram fumando sentados na sobrenatural escuridão dos miseráveis apartamentos sem água quente, flutuando sobre os tetos das cidades contemplando jazz”. (GINSBERG, 1984: 41)

Em 1961, o editor de origem japonesa publicou a “Antologia dos Novíssimos”, com contos e poemas assinados por Roberto Piva, Cláudio Willer, entre outros. Nos anos seguintes, estabeleceu uma parceria duradoura com Hilda Hilst.

Depois de pesquisarmos a história da imprensa independente nas décadas de 1960 e 1970, nos fica um questionamento: o que

aconteceu nos anos 80? Depois da proliferação de revistas e jornais independentes, a década de 80, também chamada de década perdida por certos jornalistas culturais, assistiu ao esvaziamento da idéia de jornalismo independente. Mais ainda, por que os jornais das décadas de 1960 e 1970 não sobreviveram?

“Uma explicação corrente para o desaparecimento dos alternativos é a de que, com a volta da democracia, teriam perdido o seu principal mote, a resistência. Mas falhas de administração, dissidências internas e sectarismo também foram fatores debilitantes da imprensa alternativa. Além disso, com a abertura democrática, os grandes jornais passam a defender bandeiras antes privilégio dos alternativos.” (COELHO, 2005: 23)

Questionado sobre o fim da *Realidade*, Severiano nos conta o que realmente levou ao fim da publicação.

“Sem dúvida, pressões do governo, da Igreja, dos cartéis poderosos em geral [levaram ao fim da publicação]. Em outubro de 1968, exatamente dois anos e meio depois do lançamento, a Abril nos comunicou que Paulo Patarra seria “promovido” a diretor de projetos especiais, ou algo parecido. Intervenção pura. O novo diretor, em princípio, seria Alessandro Porro, ítalo-brasileiro mau caráter, calhorda. Serjão [Sérgio de Souza, editor da publicação] saiu resolute da redação ao saber que Porro viria a ser nosso novo diretor, “vou dar uma porrada nesse filho da puta”, fui junto com ele pelo corredor do quarto andar, na redação que já era na Avenida Marginal do Tietê (a revista nasceu na antiga redação, nono andar de um prédio na Rua João Adolfo, Anhangabaú). Aquela eu não queria perder por nada. Porro trabalhava numa baiazinha nos fundos do corredor, ao lado dos banheiros, era algo como diretor das revistas técnicas. Chegamos à baía do Porro, Serjão postou-se diante dele. O cara lia alguma matéria, sentado, se não me falha a memória usava aqueles óculos só de leitura, se não usava era como se usasse, pois não

levantou a cabeça, apenas ergueu os olhos, medrosos, para o Serjão, que disse, uma fúria: “Você é um rato!”

Um leve tremor nos lábios do Porro, como se quisesse falar e a voz não saísse. “Levanta, que eu te dou uma porrada”, falou Serjão. Nada. O cara imóvel, trêmulo... Nos dias seguintes, durante uma semana ou pouco mais, nada menos que 11 de nós apresentamos nosso pedido de demissão praticamente coletivo ao Luis Carta, em sua sala do quinto andar”. (SEVERIANO, 2007)

Já na década de 1990, vimos surgir um movimento que pode ser identificado com a retomada de alguns ideais do jornalismo independente. Em 1997, é fundada a revista *Caros Amigos* pelo mesmo Sérgio de Souza, ex-editor da revista *Realidade*, e figura presente em outros projetos da imprensa alternativa. No mesmo ano, surge a revista *Reportagem*, coordenada pelo jornalista Raimundo Rodrigues Pereira, ex-editor do *Opinião* e a revista *Carta Capital*, capitaneada pelo jornalista Mino Carta.

Capítulo 2

Zapatismo e um tapa na cara da ‘grande mídia’

“Haviam me dito que ali era o melhor lugar/ para fazer contato com simpatizantes/ dos índios zapatistas/ (o exército mascava ao longe)/ Nunca esquecerei o momento/ em que ela se aproximou, nervosa,/ e tentou me vender um livro/ de entrevistas com Marcos”

MUNDO LIVRE S.A.

Após a queda do muro de Berlim em 1989 e o aparente fim das utopias políticas, surge no noticiário um misterioso homem com um lenço na cara e um cachimbo pendurado no canto da boca.

Com o estranho codinome de subcomandante Marcos, o líder dos indígenas de origem maia de um dos estados mais pobres do México, Chiapas, ocupa militarmente a cidade de San Cristóbal de las Casas (capital de Chiapas) e outras cidades próximas com o seu Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).

Marcos pode ser considerado o comandante, desta vez sem o incômodo prefixo sub, do primeiro movimento guerrilheiro da era da globalização.

Primeiro de janeiro de 1994: boa parte do empresariado mexicano vibrava com o estreitamento dos laços comerciais com os seus ‘hermanos’ do norte, Estados Unidos e Canadá, por meio do

Tratado de Livre Comércio (TLC) em seu primeiro dia de vigência, anunciado pelo presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari. Na contramão desse acordo comercial, o mundo tomava conhecimento do movimento guerrilheiro em Chiapas.

“Chiapas transformou-se em um ‘formigueiro’ de notícias que percorriam o planeta, através dos sinais de satélite, ondas hertzianas ou da rede mundial de computadores”. (FERNÁNDEZ, 2003: 132)

O EZLN usou a internet para mostrar à grande imprensa mundial como, por vezes, assuntos que não têm repercussão, devem ser tratados com destaque no noticiário. A luta pelos direitos dos indígenas do sul do México transformou o mundo virtual em mais um campo de luta pelos direitos civis.

A transferência das batalhas das selvas para as telas e as páginas da imprensa nos leva a refletir de como seria o cenário de outros movimentos como a Revolução Cubana de 1959 ou, indo ainda mais longe no passado, a Revolução Russa de 1917, com o advento da *web*. Como seria a estratégia comunicacional de Lênin ou Fidel pelas ondas da internet?

Os “pasamontañas”, já citado como o lenço que encobre o rosto de Marcos, tornaram-se um dos símbolos dessa luta. Eles escondem os rostos dos guerrilheiros para que possam transitar da guerrilha para o cotidiano em suas comunidades.

“Marcos tornou-se o primeiro super-herói da internet, como analisaram ativistas de mídia... Com um alcance infinitamente superior ao dos seus velhos fuzis e espingardas que, como eles mesmos reconhecem, não têm condições de enfrentar o poderio bélico do exército federal mexicano, os zapatistas e seus comunicados protagonizaram também desde aquele surpreendente 1º de janeiro uma guerra de e pela informação, praticamente em tempo real, *online*”. (ORTIZ, 2005)

A luta dos zapatistas apresenta aspectos inéditos no sentido de perceber que, em tempos de comunicação instantânea, não se

pode conceber uma guerrilha sem algum tipo de suporte na área da comunicação.

Para muitos jornalistas, o impacto da evidência midiática dos zapatistas foi considerável porque muitos acreditavam que a época das guerrilhas já havia passado. O componente do uso da *web* pelo movimento indígena consolidou o assunto como uma boa pauta, conforme o vocabulário usado nas redações.

“A estratégia de comunicação do EZLN, combinada às ações de solidariedade da sociedade civil, possibilitou o surgimento de uma rede que, valendo-se dos recursos tecnológicos da virada do século, cumpre um papel fundamental na guerra contra a desinformação”. (ORTIZ, 2005)

Esse aspecto destacado por Ortiz tem um forte caráter de ineditismo. O uso dos recursos tecnológicos para criar uma rede de solidariedade em prol do movimento e, na verdade, ‘divulgar’ suas reivindicações para um público mais amplo sem depender dos grandes meios de comunicação e suas versões do fato inauguraram uma nova era para os movimentos sociais.

Nesse ponto, podemos estabelecer uma relação entre o movimento zapatista e o surgimento dos movimentos antiglobalização, que também usaram a *web* na divulgação de seu ideário, como relataremos mais adiante nesta monografia.

“Uma eficiente rede de comunicação e solidariedade, utilizando os recursos do correio eletrônico e das redes de comunicação via internet foi tecida em todo o mundo por ativistas de direitos humanos, simpatizantes da causa zapatista e movimentos sociais alternativos”. (ORTIZ, 2005)

Com sua estratégia, o EZLN consolidou suas bases indígenas e tornou-se um movimento político-midiático conhecido além das fronteiras mexicanas. ‘El sub’ e seus comandados também mostraram ao mundo que o México possui uma forte dissidência dentro de seu território aos rígidos padrões da cartilha neoliberal imposta com mão de ferro pelos Estados Unidos.

“Somos um desafio. Um desafio para um mundo cada vez mais desumanizado, globalizado, ultraliberal. E, enquanto desafio, aí sim, o zapatismo pode ser transportado para outros lugares do planeta, embora sob formas diferentes. Recusamo-nos a constituir uma Internacional Zapatista (acho que seria a 7^a Internacional, já houve tantas...). A reflexão e a ação políticas ganham qualidade quando as pessoas que participam desenvolvem sua própria reflexão sobre o sentido do movimento social, sobre o significado da luta e sobre o momento histórico. É muito melhor do que criar uma nova arquitetura teórica, que se oporia ao neoliberalismo. Ainda é muito cedo para isso. Acreditamos nas redes, nas trocas.” (MARCOS In: MONTALBÁN, 2000: 11)

Historicamente, a guerrilha de Chiapas enquadra-se nos movimentos étnicos, de religiosidade ou nacionalistas que emergiram no final do século passado. O conflito na antiga Iugoslávia e a guerra sangrenta entre *hutus* e *tutsis* em Ruanda, na África, são outros exemplos.



Figura 6 – Subcomandante Marcos colocou a revolução indígena de Chiapas na internet

“Desde as primeiras semanas da aparição pública do EZLN, os comunicados da comandância zapatista e os do subcomandante Marcos, repletos de referências culturais, citações literárias, mitologia indígena e com fartas doses de bom humor, já podiam ser acessados eletronicamente de diversas partes do planeta a partir de listas de discussão sobre Chiapas na internet, que eram abastecidas diariamente com informações frescas sobre o que acontecia na zona de conflito.” (ORTIZ, 2005)

Os neozapatistas denunciam em vários momentos de seus comunicados as conexões do governo mexicano com os monopólios de comunicação, em especial, a *Televisa*, de propriedade do magnata Emilio Azcárraga Jean, com uma fortuna estimada de 2,1 bilhões de dólares, a quinta maior do país. Também são acionistas da *Televisa* o maior bilionário do México e segundo homem mais rico do mundo, Carlos Slim, e a dona da Cervejaria Modelo, que produz a cerveja Corona, María Asunción Aramburuzabala, 43, que é a vice-presidente do conselho da emissora.

Devido à evidência do movimento na imprensa internacional, a imprensa mexicana teve que render-se aos comunicados e documentos neozapatistas. De janeiro de 1994 a setembro de 1995, a imprensa mexicana publicou 250 reportagens baseadas no material enviado por Marcos e seus comandados.

“A revolta zapatista continua sendo uma referência importante, dentro do quadro político contemporâneo da América Latina. Pelo complexo do processo e pela singularidade dos atores sociais abrem-se múltiplas dimensões para estudar, para entender, essa parte do México profundo, que pode ser um espelho para as lutas dos movimentos sociais contemporâneos”. (FERNÁNDEZ, 2003: 138)

O EZLN também coloca em xeque a credibilidade do governo mexicano ao divulgar aos quatro ventos como sempre o Estado daquele país maltratou os seus indígenas, parcela importante da população.

Com sua estratégia inovadora, o EZLN conseguiu acordos importantes com o governo mexicano, dentre eles, uma maior autonomia para a população indígena.

Capítulo 3

A reação antiglobalização

“Se o século 20 terminou com a queda do muro de Berlim, o século 21 começou com Seattle”

EDGAR MORIN

A força dos movimentos antiglobalização representa de uma forma viva a reação da juventude a um mundo dominado pelas grandes companhias transnacionais. Em qualquer parte do planeta onde aconteçam as reuniões da OMC (Organização Mundial do Comércio), do FMI (Fundo Monetário Internacional), do G-8 (reunião dos líderes dos oito países mais ricos do mundo mais a Rússia) ou qualquer outro organismo que represente o pensamento capitalista, lá estão esses movimentos.

Os últimos protestos contra os acordos internacionais dos países ricos movimentaram a pequena cidade de Rostock, na Alemanha, na primeira semana de junho de 2007, por ocasião da reunião do G-8, inclusive com a participação do presidente brasileiro Luiz Inácio ‘Lula’ da Silva.

As primeiras manifestações antiglobalização que tiveram algum destaque aconteceram em Seattle em 30 de novembro de 1999 na reunião da rodada do milênio da OMC.

“Mas o que é exatamente que aconteceu em Seattle. E que movimento é esse que produziu esse acontecimento?”

Não sabemos sequer o nome que podemos lhe dar. Talvez o termo cunhado pela imprensa, "movimento antiglobalização", ou ainda, um mais preciso, "movimento contra a globalização econômica". Podemos também seguir outros caminhos, "movimento de resistência global" ou ainda, "movimento anti-capitalista". Mas, como eu espero deixar claro, nenhum desses ou qualquer outro nome é suficiente para dar conta da sua pluralidade e complexidade". (ORTELLADO, 2002)

O autor desta monografia esteve presente na passeata que parou a avenida Paulista, na cidade de São Paulo, em protesto à visita do presidente norte-americano George Bush, no dia 8 de março de 2007. Na manifestação, pôde verificar a pluralidade do público participante. Punks, sindicalistas, estudantes, homossexuais, descolados, *neohippies* interagem contra o pensamento único neoliberal¹.

Nesse início de século 21, observa-se que, ao mesmo tempo, as corporações dominam o nosso cotidiano e a pujança dos movimentos antiglobalização cresce a cada dia.

Os conglomerados corporativos funcionam muitas vezes como substitutos do Estado e determinam parte do funcionamento político e econômico dos governos.

“Estados e firmas hegemônicas estabelecem uma relação, a um só tempo, conflitiva e complementar, no que concerne ao conhecimento, controle e uso do território e do lugar, indissociando na prática, poder político e poder econômico”. (CASTILLO, 2000: 245 e 246).

Castillo alerta para um aspecto de extrema importância no funcionamento da economia globalizada: a convergência de interesses econômicos privados e políticos. Interesses de empre-

¹ Neoliberalismo passou a significar, a partir da década de 1970, a doutrina econômica que defende a absoluta liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e ainda assim num grau mínimo. (WIKIPEDIA, 2007)

sas transnacionais metamorfoseiam-se em ações políticas com extrema naturalidade nos países que seguem os ditames da economia capitalista-financeira.



Figura 7 – A bandeira norte-americana e suas ‘estrelas’

No documentário canadense *A Corporação* (*The Corporation*), podemos assistir ao histórico comportamental das empresas transnacionais desde o fim da Segunda Guerra Mundial. O filme analisa o mundo corporativo a partir do estudo de crimes cometidos por transnacionais e de dezenas de entrevistas com gente direta ou indiretamente ligada às grandes empresas como ativistas de esquerda e de direita, acadêmicos e jornalistas.

Baseado no livro *The corporation - the pathological pursuit of profit and power*, de Joel Bakan, que também assina o roteiro do filme, o documentário faz uma radiografia das corporações como ‘seres’ autônomos, que funcionam de acordo com um conjunto específico e determinado de regras e motivações, bastante distintas daquelas partilhadas entre os homens comuns e os governos democraticamente eleitos.

“As grandes empresas... são grandes conglomerados institucionais, de caráter essencialmente totalitário. No seu interior, cada funcionário é apenas uma peça de uma grande máquina. Na sociedade humana, poucas instituições têm uma hierarquia tão estrita, e um controle tão autoritário”. (CHOMSKY, 1999: 70)

Os bancos de investimento e as denominadas agências de classificação de risco ainda criaram o tal do Risco-país, comentado diariamente pelos cadernos de Economia dos jornais. Como em um hipódromo, elas indicam em quais nações em desenvolvimento os países ricos devem ‘apostar’ o seu dinheiro.

Se um país ousar praticar as malditas idéias heterodoxas ou fora dos esquemas do mercado, os decantados investidores arregalam os olhos e, em poucas semanas, condenam esse país ao ostracismo.

O dinheiro hoje é virtual. Não obedecem fronteiras e pode ser transferido em poucos segundos. Os artifícios financeiros permitem que a virtualidade possa ser utilizada de forma deletéria por analistas em seus bem riscados ternos Hugo Boss.

Quando assistimos ao fim do pregão real na BOVESPA (Bolsa de Valores de São Paulo) e observamos os operadores de ações movimentando milhões com o clique de um mouse, enxergamos claramente como o dinheiro transformou-se em mais uma *commodity*².

“O avanço a passos largos da tecnologia — que fez com que os negócios fechados por operadores de pregão como JR [personagem da matéria em questão] respondessem hoje por apenas 0,14% do total da Bolsa — determinou o fim do viva-voz . Há dez anos, o barulho da campanha competia com os altos decibéis produzidos pelos mais de 1.200 operadores que se acotovelavam no pregão. Na última quinta-feira, restavam cerca de 40 e nenhum grito”.
(ELOY, 2005)

Se assistirmos também outro documentário lançado recentemente nas locadoras, *Enron – os mais espertos da sala*, do diretor

² O termo *commodity* é utilizado nas transações comerciais de produtos de origem primária nas bolsas de mercadorias. É uma referência aos produtos em estado bruto ou com pequeno grau de industrialização, de qualidade quase uniforme, produzidos em grandes quantidades e por diferentes produtores. (WIKIPEDIA, 2007)

Alex Gibney, podemos concluir que o dinheiro em si não existe, mudou de nome, transformou-se em reestruturação financeira.



Figura 8 – Protestos criativos contra o neoliberalismo

Por vezes, as regras do livre mercado transformam um bem abundante em escasso. A empresa energética Enron chegou a desligar por algumas horas usinas termelétricas de fornecimento de energia para o estado da Califórnia, nos Estados Unidos, para forçar a subida dos preços. A verdadeira regra do jogo atendia pelo nome de especulação.

O documentário exemplifica como as regras do livre mercado e da propalada desregulamentação, a *bula papal* dos executivos da Enron, levou-os a um total descontrolo e tornou a empresa protagonista de um dos maiores escândalos financeiros do planeta.

O inconformismo e a revolta com a propalada globalização se alastram por várias partes do mundo. Nos lugares mais diversos, estudantes, intelectuais e profissionais liberais unem-se em busca de novos paradigmas ante a imposição do modelo único.

"Uma das características mais distintivas do nosso movimento, em oposição àquele dos anos 1960 e 1970, é a forma de organização por rede. Embora teorias sobre a organização social por redes datem do final dos anos 1970, foi apenas nos anos 1990 que grandes redes sociais³, no

³ Redes sociais são formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres humanos entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos.

sentido pleno, começaram a se disseminar. No entanto, mesmo hoje, quando algumas redes sociais já se mantêm ativas há anos, boa parte da literatura sobre redes permanece extremamente abstrata e tendo como único referente real redes de comunicação como a internet”. (ORTEL-LADO e RYOKI, 2004: 16)

O professor da Universidade de São Paulo (USP), Pablo Ortellado, é um dos poucos intelectuais que se debruçou sobre esses movimentos em busca de entendimento. Na afirmação anterior, ele aponta uma das dificuldades enfrentadas pela pesquisa. Devido à contemporaneidade dos movimentos estudados e a relação dos mesmos com a imprensa independente, ainda existem algumas lacunas na literatura e no material de pesquisa.

A base de toda a cultura capitalista baseia-se no consumo. Em uma das cenas do documentário *Surplus*, do sueco Eric Gandini, mostra uma jovem cubana delirando de como seria comer um grande sanduíche da rede de lanchonetes McDonald's, seus olhos brilham, ela gesticula os braços freneticamente e repete diversas vezes: “Big Mac, Big Mac!”

O consumo já era detectado com um mal contemporâneo por ‘velhos revolucionários’ como o cineasta Pier Paolo Pasolini.

“Detesto o que é relativo ao ‘consumo’, eu o abomino no sentido físico do termo (...). A antipatia que sinto em meu foro íntimo é tão insuportável que não consigo fixar os olhos por mais que alguns instantes numa tela de televisão. É um fato físico, me dá náusea. Aliás, toda a cultura de consumo me é intolerável, sem apelação”. (PASOLINI In: AMOROSO, 2002: 81)

O semiólogo Umberto Eco, ferrenho crítico dos mecanismos de alienação da cultura de massa e que, paradoxalmente, com o seu romance histórico *O Nome da Rosa* e seus 15 milhões de exemplares vendidos ao redor do mundo, tornou-se ator dessa mesma cultura, reflete sobre um dos ícones da cultura do consumo: o universo Disney.



Figura 9 – O cartunista Latuff ironiza as conexões entre guerra e globalização

“Alegoria da sociedade de consumo, lugar do iconismo absoluto, a Disneylândia é também o lugar da passividade total. Seus visitantes devem aceitar viver ali como os seus autômatos... se a América é aquela que vimos no curso da nossa viagem, então a Disneylândia é a sua Capela Sistina”. (ECO, 1984: 60)

A influência da cultura de massa no pensamento e nos valores da humanidade leva-nos a novos patamares de entendimento sobre o papel da indústria da comunicação atualmente. Em vários casos, o jornalismo é apenas mais um aspecto da fábrica de ilusões em que se transformaram os diversos meios de comunicação.

3.1 A mídia antiglobalização

Simultaneamente ao surgimento dos movimentos antiglobalização, uma nova imprensa surgiu para a cobertura das manifestações engendradas por esses grupos.

Um dos exemplos mais revolucionários dessa imprensa é o Indymedia. O portal conta com "110 centros autônomos em 35 países e cerca de dois milhões de *page views* por dia"⁴.

⁴ *The IMC - A New Model, don't hate the media, be the media*. Publicado no Indymedia do Projeto África. Março de 2004.

Elaborado em um encontro de mídia alternativa na cidade norteamericana de São Francisco em que diversos *sites* resolveram se organizar para formular um *modelo* totalmente cooperativo.

"Seria uma espécie de banco de dados, no qual os veículos alternativos poderiam publicar áudio, vídeo, imagens, fotografias e textos", descreve Pablo Ortellado, fundador do CMI Brasil. Logo na estréia, em Seattle, o *site* cravou a marca de um milhão de acessos diários". (BREDA, GOMES, REINBERG, VIANA, 2006: 41)

O braço brasileiro deste site denomina-se CMI (Centro de Mídia Independente). O *website* busca novos caminhos para a proliferação da informação e permite, por exemplo, o acompanhamento *online* de uma crise em algum país latino como Bolívia ou Venezuela ou a movimentação política nos países nórdicos.

O uso da *web* por movimentos como Attac (Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos), Fórum Social Mundial, entre outros, colaborou na proliferação de seu ideário.

"A capacidade da rede das redes (a Rede) é tal que uma parte considerável das comunicações que acontecem na rede é, em geral, espontânea não-organizada e diversificada em finalidade e adesão". (CASTELLS, 1999: 440)

Devemos ficar atentos para um fator relevante para o surgimento de outros veículos de comunicação que sigam os conceitos antiglobalização: no meio virtual, a liberdade é realmente um valor absoluto?

Será que a *web* aceita todas as manifestações contrárias ao sistema capitalista vigente? O mesmo, que, de certa forma, controla a rede mundial.

Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, o escritor e ativista mexicano Fran Ilich afirma que jamais podemos nos esquecer da 'sofisticada' censura na internet.

“Acho que existem muitos mitos sobre a *web* que temos de rever: o fato de ser democrática ou transparente ou educativa... há muita censura, invisível para a gente que vive nas cidades, mas muito sofisticada”. (MORAES E SILVA, 2006: L14)

O escritor esteve no Brasil em outubro de 2006 para participar do Seminário Internacional de Ações Culturais em Zonas de Conflitos, realizado no Instituto Itaú Cultural, na cidade de São Paulo. O objetivo do evento foi ressaltar o papel da cultura como antídoto para os conflitos sociais, econômicos, étnicos e religiosos.



Figura 10 – Manifestante antiglobalização

O sistema Echelon⁵, que parece saído de uma teoria da conspiração, pode ser considerado uma dessas formas de censura so-

⁵ Echelon é um projeto secreto de SIGINT (sigla para *signals intelligence*, que descreve a inteligência que captura sinais, principalmente de comunicação), e não existem explicações oficiais de sua função. Alguns estudiosos da área afirmam que serve para interceptação mundial de telecomunicações (internet, fax, celular) encabeçado pela Agência de Segurança Nacional dos Estados

fisticada apontada por Ilich. Muitos especialistas em segurança afirmam que todas as informações transmitidas pela internet são controladas em tempo integral, via satélite, por essa sofisticada máquina cibernética de espionagem.

A intenção de vários países em democratizar o controle sobre a *web* também fracassou em diversas oportunidades e o governo norte-americano ainda detém completamente o controle técnico sobre o fluxo informacional que circula pelos milhões de computadores no planeta.

“O governo dos Estados Unidos mantém o controle técnico sobre a internet até 2011. Nesta semana, sem alarde, Washington renovou contrato com a Icann, empresa com sede na Califórnia e responsável pela gestão da rede mundial de computadores... Washington continua a poder interferir nas operações técnicas que administram os endereços da rede, se julgar necessário. O próximo passo seria renovar outro contrato, também com a Icann, mas com um conteúdo mais político”. (CHADE, 2006: B14)

Outro ponto a ser abordado neste subcapítulo desta monografia é a reação da grande imprensa aos movimentos antiglobalização e sua visível parcialidade na cobertura de certos acontecimentos. Alguns jornalistas chegam a exagerar em sua repulsa a atitudes dos movimentos antiglobalização.

"Escreveu o colunista Cragg Haines da revista *Time*: Me desculpe se não choro pelo jovem que foi baleado na cabeça (Carlo Giuliani, em Gênova) pela polícia durante o encontro econômico. Isso foi trágico, mas ele pedira por isso e levou". (KALILI, 2002: 36)

Unidos da América, com a colaboração de agências governamentais de outros países como Reino Unido, Austrália, Canadá, Nova Zelândia para analisar as comunicações em todo o mundo com o fim de procurar mensagens que representem ameaças à segurança mundial. (WIKIPEDIA, 2007)

O estudante Carlo Giuliani, de 23 anos, foi morto pela polícia com dois tiros nas manifestações contra o encontro do G-8 na cidade italiana de Gênova em julho de 2001.

Ao constatarmos que um jornalista da conhecidíssima revista *Time* vocifera de maneira extremamente agressiva contra um jovem estudante italiano, assassinado brutalmente, podemos constatar a repulsa que esses movimentos causam em setores da chamada grande imprensa. Com isso, verificamos que, sem uma cobertura independente (como a exercida pelo *Indymedia* e congêneres) por parte da imprensa de atos como os de Gênova, talvez os movimentos anticapitalistas não tivessem a absorção que têm por parte da sociedade.

“Em primeiro lugar, a mídia radical alternativa expande o âmbito das informações, da reflexão e da troca a partir dos limites hegemônicos, geralmente estreitos, do discurso da mídia convencional. Isso se dá, em parte, pelo fato de ser bastante numerosa. Em segundo lugar, ela frequentemente tenta ser mais sensível do que a mídia convencional às vozes e aspirações dos excluídos. Muitas vezes, tem estreita relação com algum movimento social em andamento e, portanto, expressa com muita espontaneidade os pontos de vista e opiniões que não encontram espaço ou são ridicularizados na mídia oficial”. (DOWNING, 2004: 81)

O que podemos afirmar após o estudo do caso *Indymedia* é que a *web* possibilitou o desenvolvimento do site com custos baixos e, ao mesmo tempo, favoreceu a produção e distribuição de conteúdo em três níveis: local, regional e internacional.

O formato aberto do site encoraja qualquer indivíduo previamente cadastrado e plugado em qualquer computador a colaborar com artigos, informações e reportagens.

Os idealizadores do *Indymedia* seguiram, da sua maneira, o otimismo do pensador canadense Pierre Lévy sobre as possibilidades da contemporaneidade.

“Podemos sempre lamentar ‘o declínio da cultura geral’, a pretensa ‘barbárie’ tecnocientífica ou ‘a derrota do

pensamento', cultura e pensamento estando infelizmente congelados em uma pseudoessência que não é outra senão a imagem idealista dos bons velhos tempos. É mais difícil, mas também mais útil apreender o real que está nascendo, torná-lo autoconsciente, acompanhar e guiar seu movimento de forma que venham à tona suas potencialidades mais positivas". (LÉVY, 1993: 118)

O *Indymedia* contou na sua elaboração com muitos jovens técnicos ao redor do mundo para o desenvolvimento de um software livre e de código aberto que possibilitou o rápido crescimento do portal.

Infelizmente, existe um ponto a se criticar quando falamos da experiência do *Indymedia* sob o ponto de vista de um jornalista profissional: como o site vive exclusivamente do trabalho jornalístico voluntário, não é uma alternativa viável e exclusiva para o jornalista insatisfeito com a grande imprensa, mas que, como todo cidadão, tem que pagar o aluguel e suas contas no final do mês.

Capítulo 4

Aspectos das corporações de mídia

“... é preciso distinguir entre o ser e o dever ser, isto é, a conduta efetiva dos jornalistas e a conduta que ele deveria ter ou pela qual deveria lutar”

PERSEU ABRAMO

A maioria das empresas de comunicação segue atualmente as cartilhas do mercado empresarial. Enquanto jovens jornalistas se esfalfam em duras jornadas de trabalho com baixos salários, engratados com *MBA (Master Business Administration)* em seus currículos e salários mais elevados administram as empresas de comunicação dentro de perspectivas puramente mercadológicas.

"A mídia está sujeita a uma concorrência cada vez mais feroz; as pressões comerciais se intensificam. Muitos quadros dirigentes da mídia vêm doravante do universo empresarial e não mais do mundo jornalístico. Eles são menos sensíveis à veracidade da informação. Aos olhos deles, o *news business*, o mercado da informação, é antes de tudo um meio de gerar lucros". (RAMONET, 1999: 15)

Na essência, o jornalista é um profissional liberal, visto pelo ângulo exclusivamente profissional. Os mais hábeis são os que

sabem editar um texto, escrevê-lo de forma interessante e concisa, pensar em uma boa pauta, entre outras funções recorrentes na área. Infelizmente, a cada dia, os profissionais sentem-se apenas correia de transmissão de grandes empresas, exercendo atividades de baixa exigência intelectual.

Se, em décadas passadas, o jornalista era um autodidata em muitos casos, atualmente as faculdades de jornalismo despejam centenas de profissionais no mercado jornalístico todos os anos.

Muitos desses jovens recém-formados assustam-se quando se deparam com o duro pragmatismo das grandes corporações de mídia. A sobrevivência dos jornalistas deve-se a uma peculiar adaptação em que a subjetividade instantaneamente deva ser substituída pela ‘objetividade ética’, na qual teoricamente o jornalista deve narrar o fato em si, sem nenhuma interpretação ideológica ou moral.

“A distinção entre jornalistas e empresários da comunicação é real, na medida em que diferencia não apenas dois pólos opostos numa mesma relação econômica, mas também cidadãos inseridos em classes diferentes dentro de uma mesma estrutura social. A compreensão dessas diferenças e oposições é indispensável para a análise da natureza e do significado que a atuação da imprensa assume na conjuntura. No entanto, freqüentemente essa análise pode ser prejudicada se se deixa de perceber o caráter relativo da clássica oposição entre empregado e empregador da área de comunicação. E é exatamente no terreno da ética que a relatividade da oposição provoca os efeitos mais surpreendentes e devastadores”. (ABRAMO, 1997: 322)

Abramo aponta um dos problemas que geram intensos conflitos para o jornalista na sua labuta diária. Se o jornalista não concorda com o caminho pelo qual o seu patrão aborda os fatos, o que fazer? No capítulo 5, tentamos responder a essa pergunta.

O conceito de intelectual orgânico encaixa-se nesse momento na presente monografia. Como foi dito no parágrafo anterior, caso

o jornalista não concorde com as opiniões da empresa de comunicação da qual presta serviços, ele pode buscar a alternativa de interagir com as classes trabalhadoras.

“‘Intelectual orgânico’, tal como ele [Gramsci] o concebe, quase poderia ser reinterpretado como o ‘comunicador/ativista’, visto que, para Gramsci, o termo *intelectual* jamais se referia a pessoas que se põem a pensar grandes pensamentos, que só elas e um pequeno círculo compartilham. Gramsci esperava que os comunicadores intelectuais/ativistas se integrassem organicamente com as classes trabalhadoras para o desenvolvimento de uma ordem social justa e culturalmente superior, ao contrário dos intelectuais organicamente integrados com as classes dominantes, cujos esforços comunicativos fortaleceram a hegemonia do capital”. (DOWNING, 2004: 48)

A atualidade do conceito de intelectual orgânico de Gramsci aplica-se nesse início de século em que a discussão de uma maior democratização dos meios de comunicação se faz presente.

Muitos profissionais de comunicação buscam um trabalho mais integrado com os anseios da maioria da população, fora dos grilhões do pensamento único da grande imprensa.

Infelizmente, é duro constatar que muitos, do redator ao repórter, ainda não se dão conta no seu cotidiano que estão fortalecendo a hegemonia do capital, da qual muitas empresas de mídia obedecem de maneira subserviente.

“Durante muito tempo, uma parte da esquerda criticou a grande imprensa por estar a “serviço da burguesia” ou “por ser um instrumento do Estado capitalista” ou “por fazer o jogo dos anunciantes” ou por tudo isso junto. Hoje em dia, os grandes meios de comunicação no Brasil estão a serviço de si mesmos, criticam os governos em qualquer nível, são bajulados pelos anunciantes. Progressivamente, as empresas de comunicação vêm se tornando autônomas e independentes. Já não são mais “instrumentos” ou “aparelhos” da burguesia: são a nova burguesia, ou pelo menos,

um dos seus setores mais importantes”. (ABRAMO, 1997: 295)

Hoje em dia, as empresas de comunicação adotam as práticas de corporações de outros setores. Contam com lobistas no Congresso Nacional, contratam consultorias financeiras e adotam planos de carreira para seus funcionários.

“O papel social do jornal como empresa, hoje, é duplo: a) o jornal participa, indiretamente (através da tentativa de exercer influências), no poder político, ou, pelo menos no poder político periférico, na defesa dos interesses políticos e econômicos gerais e específicos, do grupo social e da classe social a que pertencem os proprietários da empresa; b) promove a divulgação de informações e orientações necessárias ao funcionamento do sistema social, econômico e político da sociedade moderna”. (ABRAMO, 1997: 282 e 283)

Esse conflito social e ideológico que encontramos nas empresas de mídia hoje já acontecia em outros momentos de nossa imprensa. O escritor João Antônio (autor de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, *Leão de Chácara* e *Casa de Loucos*) freqüentou diversas redações, entre elas a redação da revista *Realidade*, e tinha profundos problemas com os jornalistas profissionais, mesmo após ter estudado jornalismo.

De origem humilde, filho de imigrante português com mulata carioca, Antônio passou a infância em bairros proletários da cidade de São Paulo. Talvez essa origem explique em parte a sua ojeriza e suas críticas a alguns ‘coleguinhas’ e suas ambições artísticas.

“Nem pode haver ocupação mais provinciana. Os redatores gostariam de ser intelectuais de letras, fortes pensadores, como julgam ser os lá de fora: um Malraux, um Camus, um Sartre. Os repórteres, alguém parecido com

Jack London ou Hemingway, que julgam terem vivido grandes aventuras. Os diagramadores adorariam chegar a artistas plásticos, famosos e ricos, além de disputados. Já os fotógrafos sonham com Buñuel e Bergman. Todos. Ou quase, que nem todos poderiam fazer a profissão com nojo igual”. (ANTÔNIO In: COSTA, 2001: 150)

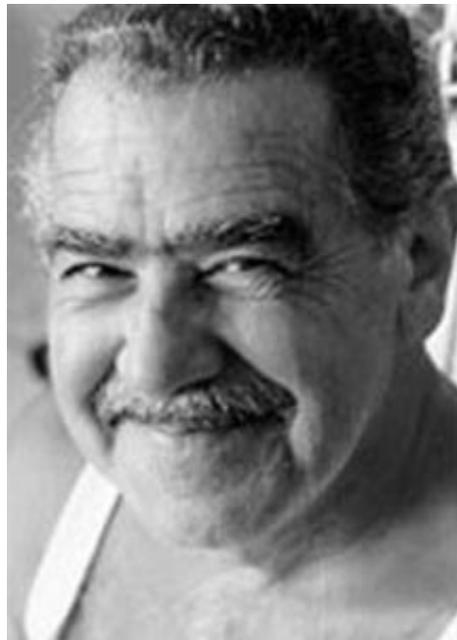


Figura 11 – O escritor e jornalista João Antônio

Se por um lado, como afirmou João Antônio, muitos jornalistas acreditam que são verdadeiros artistas ao relatar os assuntos cotidianos, outros se conformam em obedecer às ordens de DEUS, como são chamados ironicamente em alguns veículos de comunicação os proprietários das grandes empresas de mídia por seus funcionários.

“A imprensa é um sistema dual que reflete as tendências dominantes. Quem está por cima são os próprios beneficiários, quem está por baixo repercute o pensamento

oficial porque tem medo de perder o emprego”. (HALIMI
In: COURI, 1998)

Jamais podemos deixar de lado que atualmente existe uma providencial cegueira no comportamento da maioria dos dirigentes das empresas de comunicação sobre os limites e a cultura do público em geral.

Um caso exemplar desse comportamento pôde ser verificado quando o âncora do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, William Bonner, em reunião com intelectuais e jornalistas, disse que o espectador médio do jornal que apresenta não passa de um *Homer* (personagem limítrofe do seriado *Os Simpsons*).

"O que torna terrível o jornal não é (pelo menos: não é somente) a força econômica e política que o dirige. O jornal como meio de condicionamento da opinião já tinha sido definido quando nasceram as primeiras gazetas. Quando alguém deve escrever diariamente tantas notícias quantas permite o espaço disponível, de modo que sejam legíveis por um público de gostos, classe social e instrução diferentes, em todo um território nacional, a liberdade de quem escreve já terminou: os conteúdos da mensagem dependerão não do autor mas das determinações técnicas e sociológicas da mídia. Tudo isso fora percebido há muito tempo pelos críticos mais rigorosos da cultura de massa, que afirmaram: 'Os meios de massa não veiculam ideologias: são eles próprios uma ideologia'". (ECO, 1984:166)

A referida afirmação de Eco nos faz pensar sobre o papel cotidiano do jornalista. A linha de montagem industrial adotada pelas redações para a diminuição de seus custos operacionais não permite uma reflexão maior sobre os assuntos por parte do jornalista que tenha essa vocação.

“A imprensa é forçada, para ter público, a defender os valores da democracia, da igualdade de direitos e outros

valores humanistas e progressistas, valores que são totalmente desrespeitados nas redações, onde reina um autoritarismo despótico, uma desigualdade flagrante, em especial entre homens e mulheres, e métodos de gestão que estão sendo abandonados há muito até mesmo nas fábricas; em todo o mundo se incentivam, nas empresas mais modernas, a gestão participativa, a autonomia para tomada de decisões no setor de sua competência, o respeito à individualidade de cada um, o estímulo à criatividade de todos”. (POMPEU, 1999: 32)

Por outro lado, muitos jovens jornalistas com baixa formação cultural e intelectual aceitam esse estado de coisas sem questionar e buscar alternativas para a situação. Severiano aponta as origens das falhas na formação de determinados jornalistas.

“Noto que hoje há jornalistas ou estudantes de jornalismo que pouco leram, já soube de um (através da carta de uma leitora da *Caros Amigos*) que, terminando o curso de jornalismo, havia lido apenas um livro na vida. Eu e meus colegas de *Realidade*, à época na casa dos vinte anos, já havíamos lido dúzias e dúzias de livros, Machado, Graciliano, Jorge Amado, Camões, nossos grandes poetas, Fernando Pessoa, conhecíamos literatura estrangeira, uns ingleses, norte-americanos, muitos franceses, até escritor japonês. Ora, não pode manter sua ferramenta principal afiada o jornalista que não lê”. (SEVERIANO, 2007)

Se a *web* apresenta-se como um facilitador para diversas práticas profissionais, o jornalista deve ficar atento para que os donos dos veículos de comunicação não os sobrecarreguem como se o *webjornalismo* fosse uma extensão do trabalho típico nas redações.

“Os profissionais, geralmente jovens, se vêem obrigados a assumir vários trabalhos como redação, fotografia, edição etc, que antes eram realizados por diferentes profissionais. A preocupante multiplicação deste modelo nas

empresas de comunicação – possível graças à revolução tecnológica digital que simplificou o manuseio dos equipamentos e programas de informática necessários para desempenhar esses serviços – esconde um desejo de economia de custos por parte das empresas do que na melhoria da qualidade informativa”. (SALAVERRÍA, 2003: 3)

Ao mesmo tempo em que as novas tecnologias podem incrementar o trabalho do jornalista, podem escravizá-los nas mãos de dono de veículos de comunicação que visam atingir as suas metas financeiras.

A mediação praticada pelos veículos informativos sofre muitas vezes distorções idênticas das sociedades que eles tentam ‘cobrir’. Nesse sentido, a afirmação a seguir de Abramo vai além e afirma que, por vezes, ao relatar os fatos, a imprensa cria verdadeiros universos paralelos.

“Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e freqüentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela de realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele a capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é, justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento”. (ABRAMO, 2003: 24)

O que espanta nesse atualíssimo trecho do jornalista Perseu Abramo é a sua relação com o filme *Matrix*, estrelado pelos atores Keanu Reeves e Lawrence Fishburne, e dirigido por Andy e Larry Wachowski.

Grande sucesso da ficção científica no cinema, o filme discute o domínio das máquinas dotadas de IA (Inteligência Artificial)

sobre a humanidade. A mídia, como afirma Abramo, parece, por vezes, ser dotada de uma ‘inteligência’ capaz de criar outras realidades.

A imagem vista em uma tela plana (sem profundidade) consuma-se em fato para boa parte dos telespectadores. O conflito no Oriente Médio, as baixas temperaturas no sul do Brasil, a seca em um país africano, tornam-se matéria concreta na mente das pessoas.

Como a grande maioria da população ainda não possui muito acesso a outras fontes de informação, a interpretação dada pelo veículo de comunicação para determinado aspecto do ocorrido É O FATO.

Capítulo 5

Imprensa independente hoje

"Avatares do caos agem como espões, sabotadores, criminosos do amor louco, nem generosos nem egoístas, acessíveis como crianças, semelhantes a bárbaros, perseguidos por obsessões, desempregados, sexualmente perturbados, anjos terríveis, espelhos para a contemplação, olhos que lembram flores, piratas de todos os signos & sentidos"

HAKIM BEY

Neste capítulo, trataremos sobre certos veículos de comunicação que praticam a reflexão e uma maior liberdade no exercício diário do jornalismo. Sobrevivem a duras penas e representam uma alternativa real para muitos profissionais de jornalismo.

Acreditamos que a essência deles possa ser representada por esse trecho de uma conferência proferida pelo romancista e jornalista Gabriel García Márquez, autor de *Cem Anos de Solidão* e *Notícia de um Sequestro*, na Assembléia Geral da SIP (Sociedad Interamericana de Prensa) em outubro de 1994 na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos.

“A prática da profissão, ela própria, impunha a necessidade de se formar uma base cultural, e o ambiente de trabalho se encarregava de incentivar essa formação. A leitura era um vício profissional. Os autodidatas costumam

ser ávidos e rápidos, e os daquele tempo o fomos de sobra para seguir abrindo caminho na vida para a melhor profissão do mundo - como nós a chamávamos”. (MÁRQUEZ, 1994)

No mercado jornalístico, existem jovens e experientes profissionais que ainda procuram preservar esse entusiasmo de *Gabo*, como o escritor colombiano também é conhecido, em sua labuta diária na ‘*melhor profissão do mundo*’¹.

A participação do autor desta monografia nas redações de diversos veículos de comunicação durante mais de 10 anos nos leva a dividir o perfil dos trabalhadores da área basicamente em dois grupos.

Primeiro, observamos profissionais deslocados e sem estímulo aparente para enfrentar uma carreira tão tumultuada como a jornalística. E, em segundo lugar, encontramos outros jornalistas com motivações das mais variadas para a escolha da profissão como, por exemplo, interesses culturais, militância política, fascinação por determinado assunto e assim por diante. Por isso, temos a forte convicção de que somente uma real motivação subjetiva dessemboque na realização de um bom trabalho jornalístico.

A insatisfação do autor desta monografia e a de certos colegas de trabalho que se encaixam no segundo grupo, descrito no parágrafo anterior, com os rumos da mídia incentivou-nos a acreditar na viabilidade dos temas escolhidos para a presente monografia.

Contudo, é importante observar que as motivações dos jovens jornalistas em busca de novos caminhos fora da grande imprensa são diferentes do *leitmotiv*² dos profissionais da imprensa independente nos longos anos de chumbo que o nosso país enfrentou.

¹ *Gabriel García Márquez* definiu o jornalismo como a melhor profissão do mundo em texto de título homônimo. [ver bibliografia]

² *Leitmotiv* (do alemão, *motivo condutor*) é uma técnica de composição introduzida por Richard Wagner em suas óperas... Atualmente, o uso do *leitmotiv* não se restringe à ópera. Também é utilizado largamente no cinema e em telenovelas. (WIKIPEDIA, 2007) [uso figurado da expressão descrita]

O único ponto claro de contato entre a geração de veteranos jornalistas em seus projetos durante a ditadura militar e a dos mais jovens encontra-se no desejo da conquista de espaços alternativos.

Por outro lado, a queda nas tiragens dos jornais pode indicar uma crise do sistema tradicional de mídia e abrir espaços para outras experiências no campo da imprensa.

“(No Brasil,) os jornais tiveram uma queda de 9,1% em suas vendas em 2002. No ano seguinte, o processo de queda continuou, com a circulação dos principais jornais caindo aos índices mais baixos desde o final da década de 80. Se, em 1995, a *Folha de São Paulo* teve uma média diária de 606 mil exemplares vendidos, o *Globo* chegou ao patamar de 412 mil e o *Estado de São Paulo* ao de 382 mil, em 2003 essa média caiu para 315 mil, 253 mil e 243 mil, respectivamente”. (COSTA, 2005: 191)

Essa crise da grande mídia impressa pode gerar filhos pródigos. As alternativas estão aí para quem busca novos caminhos. Sem a necessidade de gastos astronômicos com gráfica, papel e distribuidoras para as bancas como a DINAP³, as novas tecnologias possibilitam novas formas de se fazer jornalismo.

Elas podem resgatar o papel do jornalista livre pensante e incentivar o empreendedorismo jornalístico. Se, para um advogado, é viável ter seu próprio escritório ou um dentista, o seu próprio consultório, o jornalista também pode trabalhar ‘por conta’, ter uma pequena produtora de *web*, o seu *blog* ou produzir qualquer produto jornalístico de viabilidade comercial.

“O computador também dá origem a novas formas narrativas, tanto jornalísticas quanto literárias, oferecendo recursos de hipertexto, combinando design, texto, foto, vídeo, arte, infográficos, animação, *slide shows*, áudio, links,

³ A Dinap S/A (Distribuidora Nacional de Publicações) é uma empresa do Grupo Abril que distribui e comercializa em bancas, revistarias e livrarias. Disponível em: www.dinap.com.br/site/institucional/. Acessado em 17 de junho de 2007 às 21h30.

facilitando a atualização e permitindo a interatividade por meio de *chats, blogs, quiz, polls, games*. Ao contrário da mídia tradicional, é possível conciliar formas lineares e não-lineares na narrativa multimídia. E atribuir ao mesmo indivíduo as funções de autor, editor, divulgador e distribuidor”. (COSTA, 2005: 198)

Costa nos apresenta em sua última frase a um mundo totalmente inovador: o das trocas de arquivos pela internet. Textos, músicas, filmes e vídeos são trocadas por intermédio de programas como *Limewire* e *Emule*.

Eles possibilitam, por exemplo, que um escritor divulgue o seu livro em um *blog* ou site e ainda o distribua através do mecanismo dos *downloads*. Algo semelhante pode ser realizado por um jornalista. Um dos exemplos mais conhecidos nesse sentido é o de Ricardo Noblat, conhecido jornalista e um dos primeiros a adotar a linguagem dos *blogs* no Brasil com grande apelo informativo.

“Nunca tinha entrado num *blog* na minha vida, apenas ouvia falar que era coisa de adolescente na internet, uma espécie de diário. Era só o que sabia. Nas primeiras semanas, vi que muitas notícias que apurava para o domingo ‘envelheciam’, ou eram dadas antes pelos jornais, eu tinha uma grande perda de informações e alguém me sugeriu: ‘Por que você não faz um *blog*?’. Eu disse: ‘Mas não é coisa de adolescente?’ ‘É, mas você pode fazer como de notícia. Nos Estados Unidos, já é espaço de notícia’. Comecei a jogar no *blog* as notícias que não dava para segurar até o domingo. Quando acabou a página do *O Dia (jornal do Rio de Janeiro)*, continuei com o *blog*. Até pensei em acabar porque achei que era um subproduto da página. Mas as pessoas me estimularam a continuar e continuei”. (NOBLAT In: FONTENELLE E TORRES, 2004)

A declaração dada em uma entrevista pelo jornalista Ricardo Noblat, detentor de um dos *blogs*⁴ jornalísticos de maior reper-

⁴<http://www.blogdonoblat.com.br>

cussão do país, demonstra claramente a mudança dos paradigmas jornalísticos. No caso do jornalista, o que parecia um simples complemento de seu trabalho, tornou-se a sua mais relevante atividade.

Nesse novo cenário, a função do jornalista deve ser questionada. Até que ponto o profissional com boa bagagem cultural e conhecimento do fazer jornalístico necessita de viciadas estruturas midiáticas para a difusão do produto de seu trabalho?

Muitos jovens jornalistas que utilizam a tecnologia com criatividade em busca da construção de novos expedientes para a profissão comprovam que a resposta é negativa para o questionamento do parágrafo anterior.

“A razão da existência da imprensa alternativa é produzir o dissenso, a contestação. São ordens de grandeza diferentes. A própria necessidade de trabalhar em imprensa alternativa vem de não te deixarem fazer certas coisas na imprensa convencional.” (KUCINSKI In: SANTANA e SCUARCIALUPI).

O papel essencial da imprensa independente seria o de apontar as contradições e, logo após, contestar o estabelecido no seio social. O questionamento de valores e comportamentos que são aceitos com normalidade pode indicar alternativas antes impensadas para a solução de conflitos econômicos, políticos e sociais.

"Se a história comprovar a morte da *utopia*, é possível que o desaparecimento quase total e repentino da imprensa alternativa tenha sido premonitório, corroborando a tese de que essa imprensa, por estabelecer pontes entre organizações e a sociedade, antecipa as grandes transformações. Nesse caso, por raciocínio inverso, podemos entender o próprio surgimento da imprensa alternativa dos anos 70 como uma das últimas grandes manifestações da *utopia* no Brasil". (KUCINSKI, 1991: XXIX)

Aqui temos que rechaçar duramente o desânimo e a rendição do professor e jornalista Bernardo Kucinski no início dos anos

90. Muitos jovens mostram que é possível reconstruir as utopias e persegui-las com o mesmo empenho de décadas passadas.

Se analisarmos a influência dos movimentos da esquerda política⁵ no passado sobre os veículos de mídia independente, veremos que a inspiração dessa nova imprensa é claramente diversa.

Obviamente, existem projetos em que jovens jornalistas inspiraram-se no ideário de esquerda em seu trabalho cotidiano, mas com certeza, de uma outra maneira e com uma intensidade diversa.

A internet pode proporcionar que os veículos independentes possam reunir, a baixo custo, material sobre diversas áreas do conhecimento em um único endereço, como fazem o portal *Carta Maior*⁶ e o endereço virtual da revista *Caros Amigos*⁷. Como explica Santos, editora do site da *Caros Amigos*.

“Temos que ser mais criativos pois não contamos com o investimento, que, por exemplo sites de revistas de maior vendagem como *Época*, *Veja* ou *IstoÉ* dispõe. Procuramos atrair os leitores que não querem somente aquele ‘feijão-com-arroz’ ou assunto para comentar em um bar com os amigos”. (SANTOS, 2007)

Por ocasião da primeira edição do Fórum Social Mundial em 2001 na capital gaúcha, o advogado Joaquim Palhares, ao sentir que a mídia não cobriria o evento, transformou o boletim jurídico que editava em uma agência de notícias na internet, a agência Carta Maior.

“Eu identifiquei que a imprensa não ia dar repercussão ao Fórum... a internet se apresentou como um instrumento

⁵ A esquerda política é composta basicamente por partidos e organizações que seguem os ditames socialistas e comunistas.

⁶<http://www.agenciacartamaior.com.br>.

⁷ A revista Caros Amigos foi criada em 1997 pelo jornalista Sérgio de Souza. De periodicidade mensal, é uma das poucas publicações que mantêm viva a chama da imprensa independente nas bancas de todo o país.

importante... Seattle só foi possível graças à internet. Gênova também. Assim como o FSM [Fórum Social Mundial]. Essa luta contra a globalização, contra o neoliberalismo só é possível tendo em vista a internet”. (PALHARES, 2005)



Figura 12 – Manifestante em frente a cartaz do Fórum Social Mundial de 2005

Entretanto, nem tudo são flores na imprensa independente, conforme já citado nesta monografia, esses veículos apresentam constantes problemas financeiros e de gerenciamento de recursos e de pessoal.

Além disso, essa modalidade de imprensa por vezes sofre um forte centralismo por parte de seus dirigentes. Muitos desses veículos dependem do carisma e da experiência de apenas um profissional.

Para exemplificar, podemos citar os seguintes casos: Alberto

Dines no *Observatório da Imprensa*⁸ e Sérgio de Souza na revista *Caros Amigos*.

“Não tenho mais condições de enfrentar as agruras (e nem o dirigismo) das mídias ditas alternativas, me tornei comerciante para poder bancar essa situação de jornalista por empreitada”. (POMPEU, 1999: 45)

Sem questionar de forma alguma a fibra e a abnegação dos citados profissionais, o dirigismo apontado por Pompeu, por vezes, bloqueia a ampliação desses veículos de comunicação para um público mais amplo devido às limitações óbvias desse tipo de gestão.

A busca por um leitor que, por vezes, busca informações de maneira fragmentada na grande mídia pode ser um dos atalhos para esses veículos de comunicação.

“Lemos o *Journal* para cobertura de negócios, o *Times* para relações exteriores, o *Post* para política de Washington e o *New Yorker* para críticas de cultura”. (JOHNSON, 2001: 78)

A identificação que muitos leitores possuem com a mídia independente demonstra como ela pode funcionar como um verdadeiro filtro informativo para o seu público, que geralmente é bastante fiel. Johnson indica a importância desse filtro, que cada um de nós possui, mas que pode ser delegado a um veículo informativo.

“Essas discriminações sutis operam como uma espécie de filtro da informação, um filtro que construímos para nós

⁸O *Observatório da Imprensa* conta hoje com a versão televisiva e virtual. O veículo informativo nasceu de um projeto criado pelo *Labjor – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo* da *Unicamp* (Universidade Estadual de Campinas), no estado de São Paulo, e acompanha o desempenho da mídia brasileira. Em maio desse ano, o *Observatório* completou 9 anos. O endereço do site é: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>

mesmos cada vez que buscamos informação numa fonte e não em outra. Ao longo da próxima década, essa costura de diferentes notícias e fontes de opinião vai se tornar pouco a pouco um tipo de jornalismo por si mesmo, uma nova forma de relatar que sintetiza e digere a grande massa de informação disseminada *online* a cada dia... Isso deveria ser estímulo para qualquer pessoa interessada num modelo mais independente, e é mais um indício da ampla influência da janela digital e seus rebentos”. (JOHNSON, 2001: 78)

Johnson aponta como a construção desses filtros de notícias irá formatar um novo tipo de jornalismo em que os leitores procurarão veículos que preencham essa lacuna.

“Alguns leitores guiam-se em sua navegação pela rede pelo que lêem em nosso portal e sentem-se parte integrante da publicação. Para consolidar ainda a confiança desse tipo de leitor em nosso trabalho, procuro fazer uma varredura na *web* junto com a minha equipe em busca de informações que se encaixem no nosso perfil”. (SANTOS, 2007)

Na mídia impressa, existem espaços a serem obrigatoriamente preenchidos diariamente, semanalmente ou todos os meses. Já na internet, isso não ocorre, o que permite uma maior criatividade no uso dessas lacunas no infinito da rede por parte dos jornalistas.

Ao mesmo tempo, as iniciativas jornalísticas na *web* não necessitam seguir as regras dos manuais de redação e, por vezes, não têm periodicidade fixa.

Essas são algumas das idéias que regem o site Digestivo Cultural⁹, que inovou ao fornecer espaço para jovens escritores e a prática de uma crítica mais livre que os engessados cadernos culturais dos jornalões.

⁹<http://www.digestivocultural.com.br>

“O trabalho dos portais – por mais que envolva recursos tecnológicos – tem pouco mérito porque, na maioria das vezes, se reduz a transmutar a informação de um formato (*release*) a outro (Web). Pode ser feito hoje por qualquer estagiário – sem querer desmerecer aqui os estagiários –; não exige, digamos, um profissional e nem, muito menos, “fontes” ou alguma bagagem (dois dos maiores trunfos dos jornalistas experimentados)”. (BORGES In: MELLO, 2006)

Na parte cultural, ainda podemos encontrar artistas e movimentos que seguem os mesmos atalhos da mídia independente. Adepto de uma arte engajada, o grafiteiro e artista plástico Alexandre Órion, é um deles.

Em uma criativa intervenção urbana no espírito dos movimentos antiglobalização, Órion protestou recentemente contra a selvageria das grandes cidades. Com apenas um pano branco, o artista utilizou a própria fuligem impregnada na parede do túnel que liga as avenidas Europa e Cidade Jardim, na zona sul da cidade de São Paulo.

“Toda intervenção é um ato político, é uma prova da existência de vida que pode estar gritando "não agüentamos mais tanta miséria" ou simplesmente dizendo ‘cansamos dessa beleza padronizada’”. (ÓRION, 2007)

Seguindo esse mesmo espírito, encontramos o coletivo Luther Blissett. Em palestra assistida pelo autor desta monografia em uma livraria próxima à Faap (Fundação Armando Álvares Penteado) no início de 2006 de um dos participantes do coletivo, foi explicitada uma das idéias fundamentais do movimento: como eles (os autores) utilizam-se das experiências que trocam com os outros no cotidiano para a elaboração das obras, é um contra-senso eles serem detentores dos direitos dessas mesmas obras. Os autores publicam obras sem autoria declarada e são totalmente favo-

ráveis ao uso do *copyleft*¹⁰ (idéia diametralmente oposta ao *copyright*).

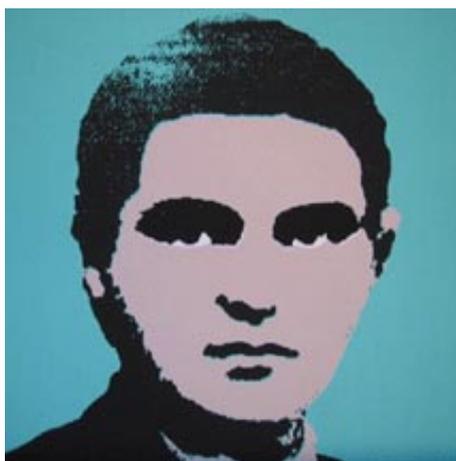


Figura 13 – Luther Blissett em versão Andy Warhol¹¹

Para isso, eles criaram uma figura inusitada, a de Luther Blissett. Como explica o site¹² do projeto, “Luther Blissett é um pseudônimo multiusuário, uma ‘identidade em aberto’, adotada e compartilhada por centenas de *hackers*, ativistas e operadores culturais em vários países, desde o verão (no hemisfério Norte) de 1994. Por motivos que permanecem desconhecidos, o nome é tomado emprestado de um futebolista britânico de origem indo-ocidental. Na Itália, no período 1994-1999, o chamado *Luther Blissett Project (network)*¹³ mais organizado no seio da comunidade aberta que utiliza o pseudônimo), adquire notoriedade e se

¹⁰ *Copyleft* é uma forma de usar a legislação de proteção dos direitos autorais com o objetivo de retirar barreiras à utilização, difusão e modificação de uma obra criativa devido à aplicação clássica das normas de Propriedade Intelectual, sendo assim diferente do domínio público que não apresenta tais restrições. *Copyleft* é um trocadilho com o termo *copyright* que alude ao espectro político da esquerda e da direita. Além do que, traduzido literalmente, “*copyleft*” significa “deixamos copiar”. (WIKIPEDIA, 2007)

¹² Extraído de http://www.wumingfoundation.com/italiano/bio_portugues.htm. Acessado em 23 de outubro de 2006 às 12h15.

¹³ Rede de relacionamentos.

torna uma lenda, uma espécie de ‘herói popular’, um Robin Hood da era da informação que organiza zombarias, passa notícias falsas à mídia, coordena heterodoxas campanhas de solidariedade a vítimas da repressão etc”.

Conclusão

Após a elaboração desta monografia, podemos concluir que existe para o profissional jornalista um leque de opções e um futuro promissor nesse século recém-nascido, com apenas 7 anos de idade.

Na contemporaneidade, a *web* proporciona inéditos caminhos para jovens profissionais de comunicação que acreditam na viabilidade da construção de novos cenários

Indymedia, *Luther Blissett*, *'El sub'* e outros casos estudados nesta monografia apontam para um futuro em que muitas possibilidades ainda estão em aberto e, com certeza, serão objeto de estudos semelhantes a este.

A valorização do jornalista como profissional liberal parece tornar-se uma realidade devido às transformações pela qual atravessa a profissão. A inspiração muitas vezes pode vir do passado, as inovações são um fato do presente e estamos, dessa forma construindo um porvir mais otimista para o jornalista.

Após escrevermos esta monografia, sentimos que algo está por vir, a *web* transformou assuntos por vezes de difícil acesso e conhecimento por grande parte da população em temas em constante ebulição.

O questionamento ao domínio das grandes corporações, entre elas as empresas de mídia, revela um forte desejo de mudança do *status quo* vigente.

O inconformismo de toda uma geração já mostrou no passado que são a garantia de um futuro realmente inovador, com profundas mudanças comportamentais, de valores e de paradigmas.

Todavia não se pode subestimar as forças do dinheiro e do

capitalismo financeiro que ainda dominam o cotidiano de milhões de pessoas.

Conforme vimos no último capítulo desta monografia, as perspectivas são amplas e, em construção, como no momento, milhões de sites quase prontos apontam em suas *homepages*.

A interação comprova-se muito produtiva para o jornalista que pretende trabalhar em uma conexão real com o público. Através do uso das ferramentas disponibilizadas pelas novas tecnologias, o jornalista se vê diante de mudanças em todo o processo de produção jornalística: apuração, elaboração da matéria, publicação e retorno do leitor.

Para isso, constata-se que o jornalista deve buscar a sua voz própria ao relatar os acontecimentos, independente do veículo de comunicação em que trabalhe.

Bibliografia

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa – um ensaio inédito de Perseu Abramo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ABRAMO, Perseu. *Um trabalhador da notícia: textos de Perseu Abramo; prefácio de R. Kotscho e Marco Aurélio Garcia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.
- PASOLINI In: AMOROSO, Maria Betania. *Pier Paolo Pasolini*. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2002.
- ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. 2001 In: COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel, escritores jornalistas no Brasil (1904-2004)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BEY, Hakim. *Caos: terrorismo poético e outros crimes exemplares*. São Paulo: Editora Conrad do Brasil, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHOMSKY, Noam. *Segredos, mentiras e democracia – Entrevistas a David Barsamian*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas – 1904 @ 2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- DOWNING, John D. H. *Mídia Radical - Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- GINSBERG, Allen. *Uivo, Kaddish e outros poemas*. Porto Alegre: L& PM Editores, 1984.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da interface – como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários, nos tempos da imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: Editora Página Aberta, 1991.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência, o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- O MELHOR DO PASQUIM. Organização: Sérgio Augusto e Jaguar. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006.
- ORTELLADO, Pablo e RYOKI, André. *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. São Paulo: Coleção Baderna da Conrad Editora do Brasil, 2004.
- RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Editora Vozes. 3ª edição. 1999.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Editora Companhia das Letras. 2003.
- TRAVANCAS, Siqueira Isabel. *O mundo dos jornalistas*. Editora Summus, 1993.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver; memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record. 1989.

Teses

FERNÁNDEZ, Adrián José Padilha. *Dimensões da luta neozapatista (implicação políticas e comunicacionais de uma guerra pós-moderna)*. Tese de Doutorado defendida na ECA-USP. Fevereiro de 2003.

Revistas

BREDA, Tadeu e GOMES, Camila e REIMBERG, Maurício e VIANA, Natália. *Seção República*. Revista Caros Amigos. Número 111, junho de 2006.

KALILI, Sérgio. *O levante da juventude*. Revista Caros Amigos. Número 64, julho 2002.

MONTALBÁN, Manuel Vasquez. “*Chegou a hora da sociedade civil*” – encontro com o subcomandante Marcos. Revista Caros Amigos. Número 34, janeiro de 2000.

POMPEU, Renato. *Saúde também é cultura, cultura também é saúde*. Revista Caros Amigos. Número 26, maio de 1999.

TÁVOLA, Artur da. *A quinta parede. É a TV. Amiga ou inimiga*. Revista Realidade. Edição de outubro de 1970.

Jornais

CHADE, Jamil. ‘Estados Unidos prorrogam controle da internet até 2011’. Jornal O Estado de S. Paulo. Página B14. 18 de agosto de 2006.

MORAES E SILVA, Maurício. 'A democracia da internet é um mito'. *Jornal O Estado de S. Paulo*. Página L14. 23 de outubro de 2006.

Periódicos

CASTILLO, Ricardo. *Tecnologias da informação e os novos fundamentos do espaço geográfico*. In: DOWBOR, Ladislau et alii. *Os Desafios da Comunicação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COELHO, Andrea. *Imprensa alternativa: apogeu, queda e novos caminhos*. Cadernos de Comunicação. Série Memória; v. 13. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. 2005.

SALAVERRÍA, Ramón. *Convergencia de medios*. Chasqui, Revista Latino americana de Comunicação, p. 3, tradução do autor deste trabalho.

CD

Livre S.A, Mundo. *O outro mundo de Manuela Rosário*. Candeiro Records.

Filmes

ABBOTT, Jennifer e ACHBAR, Mark. *A corporação (The corporation)*. Roteiro de Joel Bakan. Canadá, 2004.

Gandini, Eric. *Surplus*. Suécia, 2003.

GIBNEY, Alex. *Enron, os mais espertos da sala (Enron, the smartest guy in the room)*. Roteiro de Alex Gibney. Estados Unidos, 2005.

Referências sitigráficas

- BARROS, Patrícia M. de. *Stultíferas navis: a imprensa alternativa como antídoto ao regime militar*. Texto integrante dos Anais Eletrônicos da XXII Semana de História – “O golpe de 1964 e os dilemas do Brasil contemporâneo”. UNESP/Assis. [on line]. 19 a 22 de outubro de 2004. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/semanadehistoria/PDF/patriciabarrros.pdf>. Acessado em 10 de novembro de 2006 às 12h34.
- BORGES, Julio Daio In: MELLO, Silvia. *Entrevista ao contrário*. [on line]. 27 de novembro de 2006. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/editoriais/release.asp?codigo=198> Acessado em 15 de março de 2007 às 23h15.
- COURI, Norma. *Os novos cães de guarda – entrevista com Serge Halimi*. Observatório da imprensa. [on line]. 20 de outubro de 1998. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd201098a.htm>. Acessado em 25 de janeiro de 2007 às 12h11.
- ELOY, Patrícia. *Depois de 115 anos, a voz da Bovespa se cala*. 25 de setembro de 2005. [on line]. Disponível em: http://www.sbc.gov.br/clipping_governo/noticia_int.asp?str_data=25/09/2005&cd_noticia=98515&str_retorno=clipping.asp. Acessado em 4 de junho de 2007 às 19h.
- FONTENELLE, Augusto e TORRES, Rodolfo. *Entrevista com o jornalista Ricardo Noblat para a seção Só no site*. [on line]. Novembro de 2004. Disponível em: http://carosamigos.terra.com.br/do_site/sonosite/entrev_dez04_ricardonoblat.asp Acessado em 3 de novembro de 2006 às 23h.
- MACIEL, Luiz Carlos. *Nova Consciência. Jornalismo contracultural 1970- 1972*. [on line]. Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 1973. In: BARROS, Patrícia M. de. *Stultíferas navis: a imprensa alternativa como antídoto ao regime militar*. Texto

integrante dos Anais Eletrônicos da XXII Semana de História – “O golpe de 1964 e os dilemas do Brasil contemporâneo”. UNESP/Assis. [on line]. 19 a 22 de outubro de 2004. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/semanadehistoria/PDF/patriciabarros.pdf>. Acessado em 10 de novembro de 2006 às 12h34.

MARQUES, José Reinaldo. *Jornalismo na prática – A luta para continuar independente*. [on line]. 2 de setembro de 2005. Disponível em: <http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=1164>. Acessado em 5 de novembro de 2006 às 21h30.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *A melhor profissão do mundo*. [on line]. Outubro de 1994. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/arq2010/mat2010a.htm> Acessado em 12 de junho de 2007 às 9h30.

MORIN, Edgar. [on line]. Disponível em: http://www.conradeditora.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1702&Itemid=0. Acessado em 5 de novembro de 2006 às 22h35.

ORTELLADO, Pablo. *Aproximações ao ‘movimento anti - globalização’*. [on line]. 5 de janeiro de 2002. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/01/14525.shtml>. Acessado em 04 de junho às 17h30.

ORTIZ, Pedro Enrique F. *Das montanhas mexicanas ao ciberespaço*. [on line]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300012. Acessado em 25 de outubro de 2006 às 21h30.

PALHARES, Joaquim In: SOUZA, Renata e ZORNITTA, Bruno. *Entrevista com o fundador da Carta Maior*. Fazendo mídia. [on line]. 13 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.fazendomedia.com/novas/entrevista131205.htm> Acessado em 19 de junho de 2007 às 22h30.

SANTANA, Bianca e SCUARCIALUPI, LUCIANA. [on line].
Entre a grande mídia e a imprensa alternativa. Disponível em: http://www.facasper.com.br/jo/entrevistas.php?tb_jo=&id_noticias=28 Acessado em 15 de novembro de 2006 às 11h30.

Anexos

Entrevistas

Anexo A - Entrevistas

Entrevista 1

Mylton Severiano, ex-repórter da revista Realidade.

1. Os jornalistas da Realidade, como você, foram realmente influenciados pelos jornalistas do propalado new journalism?

Sem dúvida, muitos de nós líamos os *new journalists* norte-americanos, Gay Talese, o próprio Norman Mailer, talvez mais escritor que jornalista puro.

Murilo Felisberto, que morreu aos 67 anos dia 4 de maio de 2007, há quase duas semanas, portanto, homenageio aqui louvando a fúria com que lia jornais e revistas estrangeiros e indicava aos próximos leituras proveitosas. Não só dos textos, mas das paginações. Nossa geração era absolutamente autodidata. Murilo participou de *Realidade* apenas no número zero, mas convivi muito com ele, desde a *Folha de S. Paulo* entre 1960 (quando ali comecei) e 1962, depois no *Jornal da Tarde*.

Todos os redatores e repórteres de *Realidade*, contudo, dado o autodidatismo e dada à vocação de berço para o jornalismo, procuraram caminhos próprios para a nova revista. Não havia explicitamente um “vamos copiar o *new journalism*”. Nem mesmo

um “vamos nos inspirar no *new journalism*”. Fomos fazendo conforme nosso talante, de jornalistas “bons de texto e de caráter”, como exigia Paulo Patarra, o diretor de redação, daqueles que se candidatavam a *Realidade*: “Na nossa equipe só entra quem for bom de texto e bom caráter.”

Não descarto, claro, que entre nós houvesse “contaminação” da leitura dos *new journalists*. Mas nossa maior influência vinha da nossa formação de berço. Venho entrevistando ex-participantes daquela redação e um ponto comum notei: dos 15 já ouvidos, mais da metade citou como primeiro ídolo, já na infância, Monteiro Lobato – sua obra para crianças.

Noto que hoje há jornalistas ou estudantes de jornalismo que pouco leram, já soube de um (através da carta de uma leitora da Caros Amigos) que, terminando o curso de jornalismo, havia lido apenas um livro na vida.

Eu e meus colegas de *Realidade*, à época na casa dos vinte anos, já havíamos lido dúzias e dúzias de livros, Machado, Graciliano, Jorge Amado, Camões, nossos grandes poetas, Fernando Pessoa, conhecíamos literatura estrangeira, uns ingleses, norteamericanos, muitos franceses, até escritor japonês.

Ora, não pode manter sua ferramenta principal afiada o jornalista que não lê.

2. Você acha possível que o fenômeno da Realidade se repita ou se repetiu em algum outro momento da imprensa brasileira?

Nada será como antes, canta Milton Nascimento. Tenho perguntado isto aos meus colegas entrevistados. O tom das respostas vai na direção de avaliar que “o fenômeno *Realidade*” foi fruto de uma conjunção astral única. Irrepetível. O que se poderia ter hoje seria uma publicação com aquele *punch*. De verrumar a realidade, aprofundar assuntos, mexer em vespeiros, apontar tendências, contestar poderes. Sobretudo haver um *publisher* como foi Victor Civita, disposto a financiar repórteres, e mesmo duplas de repórteres – um da escrita, outro da fotografia –, a viajar semanas

ou até mais de mês pelos brasis ou mundo afora, com diárias bem regadas, hotel decente etc. Há?

3. Como surgiu a idéia de escrever um livro que contasse a história da Realidade?

No meio da década passada, aí por 1994, encontrei Paulo Patarra, que me disse: “Escrevi a história da *Realidade*, tem umas quinhentas laudas.” Passei a cobrar-lhe a publicação. Os originais ficaram engavetados até os fins de 2005. Visitei-o certa tarde, na quitinete da Alameda Barros, quase esquina com Angélica.

No chão do apêzinho, mostrou-me uma resma de laudas. “Pode pegar e levar”, disse ele, “é o livro, faça o que quiser, copidescar, mexer, acrescentar, melhorar.”

Trouxe para Floripa, passei uns cinco meses copiando para o computador, mexendo, arrumando etc., conforme ele recomendou. Ele fez uma montagem que julguei muito arrumadinha, como é do seu estilo organizado: memórias de cada número dos 35 ou 36 que a equipe original produziu, inclusive o zero.

Aconteceu que, quando cheguei à última lauda de umas 250, ali estava apenas metade. Liguei. Ele procurou, respondeu que havia perdido o resto nalguma mudança. Ficou com vergonha de admitir o que sua filha Dani me contou há pouco: num acesso de bobeira, jogou tudo fora, achava que aquilo “estava uma merda”. De fato, o que tenho comigo são folhas xerocadas. Com certeza foi isto mesmo. Ele bebe muito, é dado a doideiras, deve ter realmente jogado fora os originais.

Bem, que fazer? Resolvi contar tudo, inclusive isto que acabo de narrar. Volta e meia, nesses anos recentes, um que outro colega ou amigo me diz: “Você é o único que pode contar a história.” Ok. Então é comigo mesmo. Uma empreitada e tanto. Espero entrevistar uma vintena. Vou misturar memórias minhas com as dos colegas, fontes escritas etc. Devo isto aos que se foram, aos presentes e aos pósteros, principalmente aos apaixonados por jornalismo.

4. Qual é a diferença mais significativa do relacionamento entre os jornalistas na Realidade e do relacionamento atual entre ‘colegas’ nos veículos da grande imprensa?

Essa é boa e inédita pergunta. Paulo Patarra aborda na parte dele sobrevivente. Também vou abordar. Ficou célebre entre nós uma tirada do Serjão: “Quem dera que meus amigos em vez de pintos tivessem peitos.” Havia muita bem querença entre a maioria dos participantes da redação. Amizade é quase amor, diz um aforismo romântico. A gente se queria bem. Era prazeroso estar naquela redação.

Das redações modernas não posso dizer nada, estou fora delas há mais de 15 anos. Mas posso comparar com outras da época. Não havia a coesão da equipe de *Realidade*. Podíamos encontrar, nas outras, ciúmes e vaidades pessoais acima do resultado do trabalho. Um que outro mau caráter. Ruins de texto, então... E ruim de texto é ruim de pensamento, pensa mal, tortuoso, enganador.

5. Qual foi a edição que mais vendeu e quantos exemplares a revista vendia em média?

Victor Civita dizia que precisavam vender 100 mil exemplares para a revista se tornar viável. O número 1 já praticamente esgotou a tiragem de 251 mil, o dois bateu em 280 mil, e por aí fomos. A partir de fevereiro de 1967, menos de um ano depois da estréia (abril de 1996), durante nosso período a revista não tirou menos que 500 mil exemplares.

Nosso período significa os dois anos e meio que a equipe original durou. Esse primeiro recorde avantajado no número de fevereiro de 1967 trazia um rosto de mulher em êxtase, em orgasmo – capa sobre carnaval. A moça da capa era Gilda Grillo, que, no mesmo número, entrevistou e fotografou Norma Bengell nua numa praia, fotos dirigidas pelo cineasta Rui Guerra. Um escândalo.

6. Qual o principal motivo que levou ao fechamento da revista?

Sem dúvida, pressões do governo, da Igreja, dos caretas poderosos em geral. Em outubro de 1968, exatamente dois anos e meio depois do lançamento, a Abril nos comunicou que Paulo Patarra seria “promovido” a diretor de projetos especiais, ou algo parecido. Intervenção pura. O novo diretor, em princípio, seria Alessandro Porro, ítalo-brasileiro mau caráter, calhorda. A “melhor” dele tinha sido uma correspondência enviada a um jornal italiano, cujo título dizia “Ho visto Guevara morto”, na primeira pessoa – não tinha visto Guevara morto senão em fotos que correram mundo. Escreveu a “reportagem” aí mesmo, em São Paulo. Morreu faz poucos anos.

Serjão saiu resoluto da redação ao saber que Porro viria a ser nosso novo diretor, “vou dar uma porrada nesse filho da puta”, fui junto com ele pelo corredor do quarto andar, na redação que já era na Avenida Marginal do Tietê (a revista nasceu na antiga redação, nono andar de um prédio na Rua João Adolfo, Anhangabaú). Aquela eu não queria perder por nada. Porro trabalhava numa baiazinha nos fundos do corredor, ao lado dos banheiros, era algo como diretor das revistas técnicas.

Chegamos à baía do Porro, Serjão postou-se diante dele. O cara lia alguma matéria, sentado, se não me falha a memória usava aqueles óculos só de leitura, se não usava era como se usasse, pois não levantou a cabeça, apenas ergueu os olhos, medrosos, para o Serjão, que disse, uma fúria: “Você é um rato!”

Um leve tremor nos lábios do Porro, como se quisesse falar e a voz não saísse. “Levanta, que eu te dou uma porrada”, falou Serjão.

Nada. O cara imóvel, trêmulo. “Você é um rato!”, repetiu Serjão, dando-lhe as costas e afastando-se nas mesmas passadas resolutas com que chegou. Acompanhei-o de volta à redação sem trocarmos uma palavra.

Nos dias seguintes, durante uma semana ou pouco mais, nada

menos que 11 de nós apresentamos nosso pedido de demissão praticamente coletivo ao Luis Carta, em sua sala do quinto andar.

Ainda saiu de nós o número de dezembro, pois muitas matérias estavam em andamento naquele outubro. De janeiro de 1969 em diante, a revista foi murchando, encolhendo, morreu em 1974.

Entrevista 2

Artista plástico e ativista Alexandre Órion

1. Como os movimentos antiglobalização influenciam no seu trabalho?

No meu trabalho, tento tratar de temas universais e essenciais. Todas as ocorrências políticas me influenciam de maneira direta ou indireta. Creio que o problema da globalização esteja em suas raízes capitalistas, assim como os problemas ambientais e sociais. Por isso, não detecto uma influência direta dos movimentos anti-globalização, mas sim a influência de um cenário amplo em que esses movimentos são necessários.

2. Como a mídia ('grande' ou independente) participa do seu trabalho?

A mídia, seja ela grande ou independente, ajuda na difusão e no desdobramento do trabalho, aumentando o alcance da proposta e ampliando a possibilidade de discussão sobre um determinado tema. Soube através de um jornalista e de um editor que minha última intervenção gerou pautas nos veículos em que trabalham. Os artigos não citavam a minha intervenção, mas haviam sido criados em virtude dela. Acho essa possibilidade fascinante.

3. Ao usar o modo de intervenção urbana no seu trabalho, você acredita que é possível interferir no cotidiano da cidade através da arte ou da comunicação?

Sem dúvida, sim. Acredito que a verdadeira intervenção urbana propõe uma mudança da ordem, é necessária contra a cegueira urbana causada pelo cotidiano. Toda intervenção é um ato político, é uma prova da existência de vida que pode estar gritando "não agüentamos mais tanta miséria" ou simplesmente dizendo "cansamos dessa beleza padronizada".

4. Como o seu trabalho em um veículo de imprensa independente como a *Caros Amigos* interferiu no seu trabalho realizado atualmente?

A *Caros Amigos* já era parte da minha vida antes de eu começar a trabalhar lá. Eu já era leitor da revista quando passei a ilustrá-la, tinha muita simpatia pela postura desse veículo independente, depois me tornei editor de arte da revista. Não foi um trabalho qualquer, foi uma escolha ideológica trabalhar lá. Isso é o que considero mais importante. É possível que minha passagem pela revista tenha fomentado de algum modo a vontade de atuar como artista, mas não sei afirmar com certeza.

Entrevista 3

Tatiana dos Santos, editora do site da revista Caros Amigos

O que diferencia um site de uma publicação de imprensa independente de endereços virtuais de grandes publicações?

Damos prioridade aos leitores, tentando incentivá-los a serem colaboradores ativos do site. Suas opiniões são lidas e comentadas por outros leitores, o que gera mais dinamismo para o site. Pode parecer óbvio mas temos que ser mais criativos pois não contamos com o investimento, que, por exemplo sites de revistas de maior vendagem como *Época*, *Veja* ou *IstoÉ* dispõem. Procuramos atrair os leitores que não querem somente aquele ‘feijão-com-arroz’ ou assunto para comentar em um bar com os amigos. Em geral, nossos leitores contam com forte consciência social.

Como o ambiente livre da internet colabora no trabalho em um veículo de mídia independente?

A internet foi muito importante para a democratização da mídia. Sem um custo tão exorbitante, como é necessário na mídia impressa, é possível realizar um trabalho jornalístico de qualidade e concorrer de igual para igual com a grande mídia.

Como se manter ‘alternativo’ e ceder o seu conteúdo para um grande portal como o *Terra*?

Somos um veículo que deseja ser lido pelo maior número de pessoas possível. O único vínculo que temos com o *Terra* é a hospedagem em seu portal, que hoje é um dos mais acessados do Brasil. O *Terra* não interfere em nosso conteúdo e nos respeita como uma mídia alternativa. Do nosso lado, respeitamos o portal por nos receber e nos ajudar quando precisamos.

O site pretende expandir a revista para a internet ou pretende ter "vida própria"?

No início, o site apenas complementava o trabalho da edição impressa. O sucesso do site (vencemos por três vezes prêmios

Ibest na categoria política) nos incentivou a dar vida própria ao site. Em um futuro próximo, pretendemos transformá-lo em uma estação de rádio, uma emissora de televisão e oferecer mais conteúdo como reportagens, entrevistas e opiniões.

Qual a média de visitantes diários do site da Caros Amigos?

Dez mil usuários por mês. Esse número cresce a cada mês, o que nos torna muito otimistas em nosso trabalho cotidiano.

Como o público leitor ajuda, de algum modo, na produção das pautas baseado em suas participações nas seções Chute o Balde, Coluna do Leitor e Palanque?

É uma maneira de saber o que o leitor quer. Um exemplo disso é que, na edição impressa, uma pauta sobre cultura não dá tão certo, mas na edição virtual, matérias culturais são muito bem aceitas e dão retorno certo para o site.

De que forma se dá a interação entre a Caros Amigos on line e a revista?

Disponibilizamos, em média, 40% do conteúdo da edição impressa em que o leitor pode ler, comentar, isso chega ao autor que pode interagir com o leitor.

Muitos leitores da publicação possuem uma forte identificação com a revista. Como isso se reflete em seu trabalho diário?

Alguns leitores guiam-se em sua navegação pela rede pelo que lêem em nosso portal e sentem-se parte integrante da publicação. Para consolidar ainda a confiança desse tipo de leitor em nosso trabalho, procuro fazer uma varredura na *web* junto com a minha equipe em busca de informações que se encaixem no nosso perfil.

Figuras

Anexo B - Figuras



Figura 1 - Capa da revista Realidade, edição de outubro de 1970. Escaneado da própria revista do acervo do autor desta monografia.



Figura 2 – Capa da revista Veja, edição de 1º de fevereiro de 2005. Extraído de:

<http://www.faxlenep.kit.net/capaveja.jpg>
Acessado em 30 de maio de 2007 às 2h30.

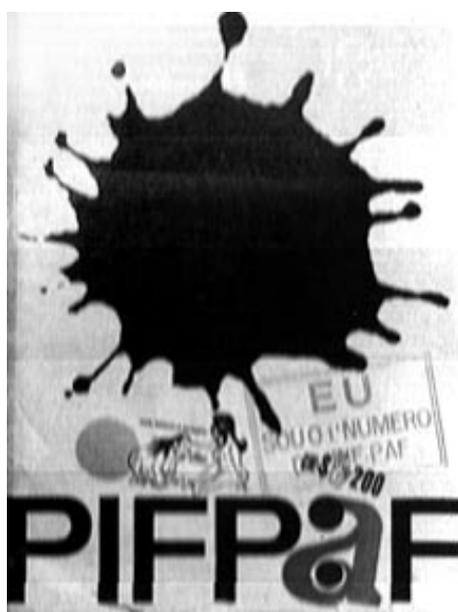


Figura 3 – *Fac-símile da primeira capa do Pif Paf, 1964.*
Retirado do livro: KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários, nos tempos da imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: Editora Página Aberta, novembro de 1991.

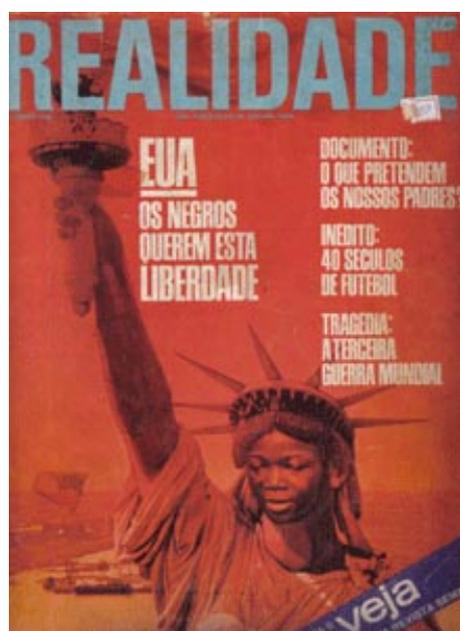


Figura 4 – Capa da revista Realidade, edição de setembro de 1968. Escaneado da própria revista do acervo do autor desta monografia.



Figura 5 – Reprodução do primeiro número d’*O Pasquim*. Retirado do livro: *O melhor do Pasquim*. Organização: Sérgio Augusto e Jaguar. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006, página 6.

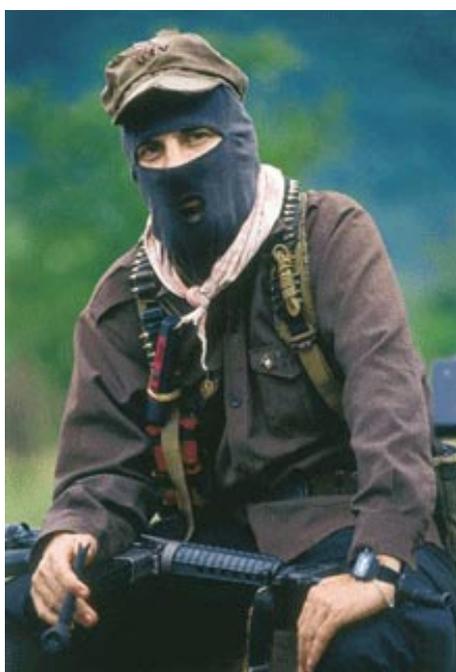


Figura 6 - Subcomandante Marcos utilizou a internet para tornar conhecida a revolução indígena de Chiapas, México. Extraído de:
<http://chiapas.indymedia.org/local/webcast/uploads/subcomandante-marcos-1995.jpg>.
Acessado em 2 de abril de 2007 às 16h30.



Figura 7 - A bandeira norte-americana e suas 'estrelas'.

Extraído de:

<http://www.pathwaypartnership.com/site/images/home/PathwayPartnershipSIDEBAR2.gif>.

Acessado em 15 de fevereiro de 2007 às 22h30.



Figura 8 - Protestos criativos contra o neoliberalismo. Retirado do livro: ORTELLADO, Pablo e RYOKI, André. *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. São Paulo: Coleção Baderna da Conrad Editora do Brasil, 2004, páginas 106 e 107.



Figura 9 - O cartunista Latuff ironiza as conexões entre guerra e globalização. Extraído de:

<http://www.socialnerve.org/art/latuff/McDonaldsIraq.jpg>

Acessado em 5 de maio de 2007 às 21h30.



Figura 10 – Manifestante antiglobalização. Retirado do livro: ORTELLADO, Pablo e RYOKI, André. *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. São Paulo: Coleção Baderna da Conrad Editora do Brasil, 2004, página 110.

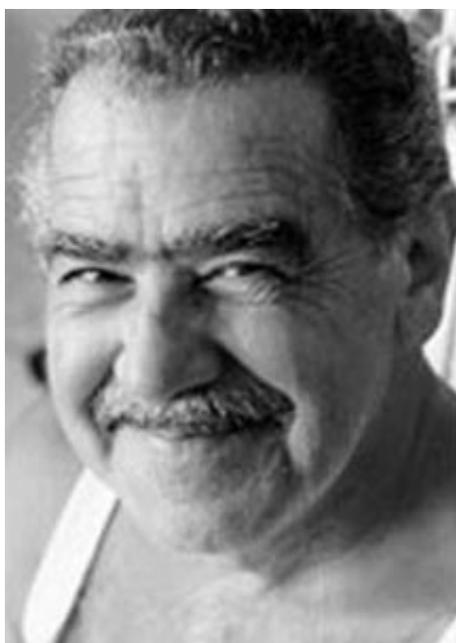


Figura 11 – O escritor e jornalista João Antônio.

Extraído de:

[http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Imprensa
&subsecao=Colunas&idjornal=157](http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Imprensa&subsecao=Colunas&idjornal=157)

Acessado em 17 de junho de 2007 às 21h.



Figura 12 – Manifestante em frente a cartaz do Fórum Social Mundial de 2005.

Extraído de:

<http://www.terrazul.m2014.net/spip.php?article215>

Acessada em 15 de junho de 2007 às 21h47.



Figura 13 – Luther Blissett em versão Andy Warhol.

Extraído de:

http://www.contraindicaciones.net/images_e451/andy_warhol.JPG

Acesso em 20 de junho às 23h20.